



Ministério

Uma revista internacional para pastores e obreiros



Vida Pastoral

Centralizados em Cristo

Administração Eclesiástica

Liderança em três tempos

Ética

Quando o amor disciplina



À luz do Calvário

O legado teológico dos pioneiros adventistas



James A. Cress

Secretário ministerial
da Associação Geral da
IASD

FILHOS PRÓDIGOS

Jogue fora sua culpa. Você não pode culpar-se nem a Deus, quando seus filhos rejeitam ou abandonam seus conselhos e liderança espiritual. Nada lhe garante imunidade a isso.

Muitos pais pastores são esmagados pela ira, vergonha, culpa, autocondenação e amargura, quando um filho se afasta da educação recebida. Parece que até Deus falhou em Sua palavra; ou não é a Bíblia que diz: “Ensina o menino no caminho em que deve andar, e ainda quando for velho não se desviará dele” (Prov. 22:6)?

Que maravilhosa promessa, se fosse sempre assim! Muitos de nós temos nos destruído emocionalmente tentando discernir o que deu errado com nossa paternidade, ou com a promessa de Deus. Alguns há que se sentem desconfortáveis, culpando a Deus pelos filhos pródigos, mas aplaudindo satisfeitos a si mesmos, pela habilidade paternal demonstrada nos filhos que não se desviaram.

O texto mencionado é precisamente o que é: um provérbio. Não é uma garantia, nem uma promessa. É um princípio a ser praticado, mas não assegura somente resultados agradáveis à paternidade fiel. Ao contrário, descreve a responsabilidade paterna de levar os filhos a desenvolverem os próprios interesses e capacidades, e então guiá-los em um caminho vocacional satisfatório, em harmonia com seus interesses e talentos inatos.

Longe de ser um fundamento inflexível que apenas frustra e desaponta quando os acontecimentos não ocorrem como previstos, esse verso aconselha os pais a estudarem os modos pelos quais possam esperar que um filho tenha uma vida útil e saber que profissão o tornará mais feliz. Portanto, os pais deveriam recomendar aos seus filhos escolhas que estejam em harmonia com a disposição natural deles. Então, deveriam se esforçar para dirigi-los nessa descoberta. “A instrução mencionada por Salomão é dirigir, educar e desenvolver. A fim de que pais e professores façam esse trabalho, devem eles mesmos compreender o caminho em que a criança deve andar.” – *Testemunhos Para a Igreja*, vol. 3, pág. 131.

O amor sempre corre riscos e, talvez, para o Criador, o maior deles seja a livre escolha. Nem fidelidade religiosa nem habilidade paternal eliminam o livre-arbítrio. As Escrituras nunca prometem recompensar nossa espi-

ritualidade pelo fato de forçarmos bom comportamento a nossos filhos.

Notemos o exemplo dado por Jesus na parábola do filho pródigo. Ali, o amor do pai representa as atitudes do Pai celestial. Seguramente, aquele é o melhor modelo possível de educação. Mas a despeito da excelência paternal, o filho mais novo deixou o lar, trilhando o longo caminho da rebelião; e o outro, o mais velho, permaneceu no lar reivindicando recompensa por sua obediência. Lembre-se: nem todos os pródigos saem de casa.

O filho pródigo desejou que seu pai morresse: “Pai, dá-me a parte dos bens que me cabe” (Luc. 15:12). Já o filho mais velho tanto pensou em herdar todas as posses, quando o pai morresse, que ficou ressentido com a conversão do irmão. Os dois nada queriam com os valores do pai. Ambos expressaram mais confiança nas boas obras do que na graça. O pródigo raciocinou que deveria voltar ao lar

para reassumir seu lugar através da servidão, e o outro cria que os anos de obediência lhe davam direito a recompensa maior.

A parábola oferece perspectiva e esperança. Você não é responsável por todas as escolhas feitas por seu filho. Algumas vezes tudo o que você pode fazer é esperar por uma mudança de mentalidade e espírito. Se o pai da parábola pudesse ter mudado seu filho através do aconselhamento contra a desobediência, repreendendo o estilo de vida libertino, forçando-o a não fugir, ou empreendendo qualquer outro tipo de esforço pessoal, ele certamente teria escolhido, por seu filho, evitar as conseqüências traumáticas e inevitáveis da rebelião. Mas apenas o amor, embora não fosse correspondido.

Anime-se. Ore. Não desista. Você não sabe como o Espírito Santo trabalhará para reconquistar o coração e a mente do filho rebelde. Não tolere atitudes que ameacem sua segurança, a de sua esposa e dos outros filhos. Mas não pense que lhe é possível enquadrar o seu filho, à força, no comportamento que você deseja. Ame-o incondicionalmente e evite censurar. Se for tentado a criticar ou repetidamente expressar opiniões sobre o estilo de vida ao qual seu filho bem sabe que você se opõe, ore para que Deus faça o mesmo milagre que fez com os leões que cercavam Daniel, ou seja, feche a boca. Apenas ame sem reservas.

**“O amor sempre
corre riscos.
E o maior deles
é o direito da
livre escolha”**

gir, ou empreendendo qualquer outro tipo de esforço pessoal, ele certamente teria escolhido, por seu filho, evitar as conseqüências traumáticas e inevitáveis da rebelião. Mas apenas o amor, embora não fosse correspondido.



William de Moraes

LIÇÕES DE UM QUADRO

No início de 1870, Tiago White teve a oportunidade de ver, pela primeira vez, um quadro intitulado “Caminho da vida”. De autor desconhecido, essa obra de arte lhe foi apresentada por M. G. Kellogg e, segundo a opinião do próprio Pastor White, deveria ser considerada “uma vívida representação do plano da salvação”. Quatro anos depois, escrevendo na *Review and Herald* (13/02/1874), ele utilizou as seguintes palavras para referir-se àquele trabalho artístico: “... um quadro alegórico, mostrando o caminho da vida e salvação através de Jesus Cristo, desde o paraíso perdido ao paraíso restaurado.”

Passaram-se dois anos, e, em 1876, o quadro foi melhorado e reimpresso em mil cópias, junto com uma brochura explicativa. Na pintura original, além de visões da expulsão de Adão e Eva do Éden, assassinato de Abel, oferecimento de sacrifício, batismo de Jesus, Ceia e Nova Terra, as tábuas contendo os dez mandamentos aparecem destacadas, pendendo da árvore da vida. Uma cruz na qual se vê pregado Jesus Cristo também está evidente; não tanto, porém, como as tábuas da lei. Quatro anos depois, o Pastor White começou a planejar um novo quadro com uma mudança de ênfase. E falou à esposa o seguinte:

“Eu tenho um esboço... de uma nova gravura ‘Eis o Cordeiro de Deus’. Esse quadro difere do ‘Caminho da vida’ nos seguintes aspectos: a árvore da lei é removida. Cristo sobre a cruz está mais destacado e colocado no centro. O restante permanece como sempre foi, exceto a cena do batismo e a cidade que foi aperfeiçoada.” – *Carta*, 31/03/1880.

Durante os dias que se seguiram, naquele ano e no início de 1881, o Pastor White esteve empenhado no aperfeiçoamento dessa nova edição do quadro. Era seu objetivo difundi-lo em outros países, junto com um livro sobre o assunto no qual a pintura seria explicada e passaria a ter como título “Cristo, o caminho da vida: do paraíso perdido ao paraíso restaurado”. Mas ele faleceu em 06/08/1881, deixando o trabalho inconcluso.

Ellen White, evidentemente, também não estava satisfeita com o título anterior e o releve da lei acima de Cristo. De modo que, em 1883, dois anos após a morte do esposo, e cinco anos antes da assembléia de Mineápolis, ela revisou o quadro e seu título, acrescentando o nome de Cristo, antes da expressão “o caminho da vida”. E a pintura foi radicalmente mudada, com a omissão da árvore e da predominância conferida à lei. Em seu lugar, apareceu, no fundo, o monte Sinai envolvido por nuvens negras e imagens de relâmpagos. A lei estava lá, mas em segundo plano, em relação ao evangelho.

As mudanças efetuadas no quadro “Caminho da vida” foram mais do que um mero retoque artístico. Elas refletem o progresso na compreensão teológica dos pioneiros, notadamente Tiago e Ellen White. Esse progresso doutrinário teve importantes implicações na fé, pregação e ensino adventistas, conforme descreve Woodrow Whiden, em artigo desta edição.

Zinaldo A. Santos

Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Ano 76 – Número 03 – Maio/Junho 2005
Periódico Bimestral

Editor: Zinaldo A. Santos
Assistente de Redação: Lenice F. Santos
Revisoras: Josiéli Bueno e Rosemara Santos

Chefe de Arte: Marcelo de Souza
Projeto Gráfico / Programadores Visuais:
Alexandre G. Streicher;
Marcos Santos
Capa: Heber Pintos

Colaboradores Especiais:
James Cress; Alejandro Bullón; Jonas Arrais;
Willmore Eva; Júlia Norcott;

Colaboradores:
Acilio Alves Filho; Arlindo Guedes;
Barito Lazo; Guillermo Rojas;
Cícero F. Gama; Francisco Carlos Bussons
Ivanaudo B. Oliveira; José Carlos Sánchez;
José S. Ferreira; Moisés Rivero;
Roberto Gullón

Diretor Geral: José Carlos de Lima
Diretor Financeiro: Antonio Oliveira Tostes
Redator-Chefe: Rubens S. Lessa

Visite o nosso site:
www.cpb.com.br
Serviço de Atendimento Direto: saa@cpb.com.br

Redação: ministerio@cpb.com.br
Ministério na Internet:
www.dsa.org.br/revistaministerio
www.dsa.org.br/revistaelministerio

Todo artigo, ou correspondência, para a revista **Ministério** deve ser enviado para o seguinte endereço: Caixa Postal 2600 – 70279-970 Brasília, DF

Tiragem: 4.900 exemplares
5935/13898



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Editora dos Adventistas do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34
18270-970 – Tatuí, SP



Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total ou parcial,
por qualquer meio, sem prévia autorização
escrita do autor e da editora.

10 PARCEIROS DE ORAÇÃO

O valor da intercessão de Cristo para nossa súplica em favor de outras pessoas.

13 A IGREJA QUE ATRAI

Cinco características que levam sua igreja a causar impacto na comunidade.

15 CENTRALIZADOS EM CRISTO

Como o pastor pode tornar sua vida cristocêntrica, em todos os sentidos.

17 À LUZ DO CALVÁRIO

Implicações da herança teológica dos pioneiros para a fé, pregação e ensino adventistas.

21 PASTOR DE ÊXITO

Fidelidade no cumprimento dos propósitos de Deus é a única marca de sucesso pastoral.

23 O ANJO DE JEOVÁ

Estudo sobre um personagem de suprema importância no trato de Deus com Seu povo.

26 LIDERANÇA EM TRÊS TEMPOS

O verdadeiro líder prepara seus colaboradores para realizações maiores do que as suas.

28 QUANDO O AMOR DISCIPLINA

Penúltimo artigo da série sobre ética sexual no ministério pastoral.

Seções

2 SALA PASTORAL

3 EDITORIAL

4 CARTAS

5 ENTREVISTA

7 AFAM

8 PONTO DE VISTA

32 MURAL

34 RECURSOS

35 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

“Senhor, quero ser um pregador eloqüente. Mas se eu puder melhor glorificar-Te pela gagueira do que pela eloqüência, torna-me um gago.”

Samuel L. Brengle

Cartas**REQUIÊM E RESSURREIÇÃO**

Como alguém que aprecia profundamente e desfruta o privilégio da amizade de Dwight Nelson, estou um pouco relutante para comentar seu artigo “Requiêm e ressurreição de um caído” (nov./dez., 2004). Como era de se esperar, o artigo foi bem escrito. É bíblico, no todo, e consoante aos princípios de amor e perdão. Mas há um certo desequilíbrio. Certamente Dwight não recolocaria um pedófilo para cuidar das crianças, na Escola Sabatina, nem um pastor adúltero para atuar como conselheiro familiar.

Devemos tratar essas pessoas com amor cristão? Sim. Reintegrá-las na vida eclesíastica? Sim. Mas isso não garante a reintegração ao ministério pastoral. A Bíblia diz que “aquele a quem muito foi dado, muito lhe será exigido” (Luc. 12:48). O líder possui muita responsabilidade; por isso, sua punição, às vezes, deverá ser mais severa. Acho que Dwight poderia escrever outro artigo, quem sabe, intitulado “Arrependimento e restituição: a conversão de um irmão caído”. Até que isso aconteça, ficaremos apenas com um lado da moeda, uma impossibilidade teológica e eclesíastica.

David Asscherick, pastor em Troy, Michigan.

DUAS OBSERVAÇÕES

Ministério continua sendo uma fonte de inspiração para todos nós. Tenho em mente duas coisas. Uma é a ênfase que se dá à pregação essencialmente bíblica. Para o bem das pessoas que vão às nossas igrejas, gostaria que todo pregador absorvesse os princípios enunciados em tais artigos. Outra coisa é que nossa liderança denominacional é consciente de que não é prudente apontar um ex-estrelionatário ou assaltante como tesoureiro de alguma instituição. Seria sábio indicar um ex-pastor que caiu em adultério para exercer novamente uma função pastoral? Devemos pensar nisso.

Steven Clark Groad, pastor em Blythe, Califórnia

PAIXÃO MISSIONÁRIA

“O eco do ‘Ide’ ressoa forte em meu coração. Para onde eu for enviado, estarei feliz”

por Jonas Arrais

Nascido em Ibatí, Paraná, o Pastor Marcos Miguel Mudrey conheceu a mensagem do evangelho em abril de 1977 e foi batizado no mês de outubro do mesmo ano. Por haver demonstrado, desde muito cedo, elevado nível de comprometimento com a Causa de Deus através de intensa disposição missionária, foi convidado a trabalhar como obreiro bíblico. Durante dez anos, realizou esse trabalho nos Estados de Rondônia e Acre, que compõem a Associação Amazônia Ocidental, Aamo, na União Norte-Brasileira.

Após essa experiência, concluiu o curso de complementação teológica e ingressou no ministério pastoral em 1994. Desde então, serviu como pastor nos distritos de Brasileira, na divisa com a Bolívia, e Jaru, no Estado de Rondônia. Em 2001, foi nomeado coordenador de Evangelismo da Aamo. Atualmente, é o líder regional para o Estado do Acre, onde coordena o trabalho de oito pastores distritais, aproximadamente 90 congregações e seis mil membros.

O Pastor Mudrey é casado com Rute Costa Vieira Mudrey, de cuja união nasceram Elder e Jader. Por ocasião de um encontro para treinamento de líderes das igrejas do Acre, ele partilhou suas experiências nesta entrevista.



Ministério: *Em que circunstâncias e quando o senhor se sentiu chamado para o ministério pastoral?*

Pastor Mudrey: Eu servia como instrutor bíblico na cidade de Ariquemes, Rondônia, conhecida como a capital brasileira da malária. Durante o período em que trabalhei ali, fui acometido pela malária por 34 vezes. Isso debilitou muito o meu corpo e acabei contraindo leucemia. Fui, praticamente, condenado à morte pela medicina da época, mas a igreja para a qual eu trabalhava ocupou-se em orar por mim intensamente, e Deus respondeu as orações, operando um milagre em minha vida. Fui totalmente curado. Enquanto vivi aquela experiência, fiz um propósito com Deus em meu coração: se Ele me curasse, eu continuaria ainda mais dedicado à pregação do evangelho e me prepararia a fim de melhor servir à Sua Igreja como pastor. Como Deus aceitou esse compromisso e me atendeu, aqui estou inteiramente ao Seu dispor.

Ministério: *Além disso, houve mais alguma coisa que o senhor sentiu haver mudado para melhor em sua vida e seu trabalho, após essa experiência tão marcante?*

Pastor Mudrey: Na realidade, este milagre foi como um divisor de águas em minha vida e meu ministério. Antes de tudo isso acontecer, como já

disse anteriormente, eu servia como instrutor bíblico, mas realizava um trabalho sem resultados que pudessem ser considerados significativos. Houve até algumas vezes em que senti vontade de desistir. Contudo, depois dessa profunda experiência pessoal com o Senhor, percebi que o trabalho realizado se mostrou grandemente frutífero. Por exemplo, nestes últimos dez anos, Deus, por Sua graça e misericórdia, fez de mim um instrumento para levar a Ele aproximadamente cinco mil pessoas. Isso sem esquecer o fato de que nunca mais contraí malária.

Ministério: *Qual é o grande desafio que o senhor encontra no trabalho que realiza aqui no Acre?*

Pastor Mudrey: O maior desafio é, na verdade, a geografia acreana. Embora esta não seja uma região muito populosa, aqui vivem muitas pessoas em municípios, povoados e igarapés cujo acesso é difícil. Evidentemente, essas pessoas não podem nem devem ficar à margem do evangelho. Mas as estradas que nos permitem trafegar por este imenso território são poucas. Muitas vezes temos de nos locomover em avionetas, barcos, cavalo, ou mesmo a pé. Para citar apenas um exemplo, quando visitamos o município de Santa Rosa do Rio Purus, já na divisa

com o Peru, viajamos de barco e, dependendo da ocasião, levamos entre sete e onze dias de viagem, somente para ir. Da capital do Estado, Rio Branco, até o último município sob nossa responsabilidade, são aproximadamente mil quilômetros sem um meio de transporte rápido e, algumas vezes, sem estrada.

Ministério: *Quem são as pessoas que vivem nesta região, sua cultura, suas origens, suas peculiaridades?*

Pastor Mudrey: O Estado do Acre é povoado por pessoas de culturas diferentes. Há uma predominância de nordestinos, principalmente pessoas que vieram do Ceará. Há também indivíduos do Sul do país, que vieram desbravar esta região. Mas existe um grupo populacional especial, que são os indígenas. Diferentes tribos vivem espalhadas pelo interior.

Ministério: *O que tem sido feito para alcançar esse segmento da população?*

Pastor Mudrey: Já tivemos a oportunidade de evangelizar algumas regiões indígenas. A tribo Yanawá, que vive perto do Peru, é uma das que foram alcançadas. Quando participei do programa de evangelização daquela gente, lembro-me de que tive de caminhar 125 quilômetros e viajar mais quatro dias de barco a remo para chegar até lá. Foram totalizados sete dias de viagem. Eu era o pastor mais próximo daquela região. Os índios Kaxinawás também foram evangelizados. Eles

vivem espalhados por todo o Estado do Acre e muitos já são membros da Igreja Adventista.

Ministério: *Como o senhor se sente, trabalhando por tantos anos em uma região tão desafiadora?*

Pastor Mudrey: Para mim, isso apresenta um motivo de muita honra. Experimento um sentido de realização pessoal muito forte, trabalhando em uma região como esta. Acredito firmemente que Deus me concedeu este dom espiritual. Se me fosse dado escolher entre trabalhar em uma igreja grande numa das metrópoles do nosso Brasil e trabalhar no meio da selva amazônica, enfrentando todos os desafios peculiares, certamente eu faria a opção de ficar na selva.

“Cada pastor deve florescer onde estiver plantado, tendo Cristo como centro motivador”

Ministério: *E o que pensam sua esposa e seus filhos a esse respeito?*

Pastor Mudrey: Minha esposa fala esta mesma linguagem e partilha do mesmo ideal. Aliás, não posso deixar de agradecer a Deus a esposa que me deu, uma auxiliadora verdadeiramente fiel ao longo do meu ministério. Ela começou três faculdades, mas devido às transferências ou à falta de opções em lugares aos quais fomos enviados para trabalhar, não teve a oportunidade de terminar os estudos. Em muitas regiões, isso foi totalmente impossível. Nesses lugares, ela me ajudava como instrutora bíblica voluntária. Houve ocasiões em que ela dirigiu campanhas de evangelismo público durante 30 noites. Meus filhos estudam no Insti-

tuto Adventista Paranaense, IAP, e sonham um dia poder realizar trabalho semelhante a este que realizo aqui. Eu me sinto extremamente feliz por poder contar com o apoio deles.

Ministério: *Qual é o segredo para tanta motivação em seu trabalho pastoral?*

Pastor Mudrey: Em primeiro lugar, eu diria que a motivação maior é o próprio Senhor, a ajuda que Ele nos dá, a inspiração que nos concede, além do senso da realidade do Seu chamado para este trabalho. É a certeza de estar participando de uma missão divina que me faz viajar feliz, de barco ou quaisquer outros meios, e até andar a pé longas distâncias, para visitar o mais isolado membro de minha igreja na selva. Em segundo lugar, fiz um compromisso com Deus, em um momento crítico da minha vida, e Ele não falhou comigo. Estou a serviço de Sua missão, ao Seu inteiro dispor. Sei perfeitamente que, em parte, a responsabilidade pela evangelização deste Estado repousa sobre meus ombros. O eco da ordem de Jesus Cristo – “ide” – ressoa muito forte em meu coração. Não importa o lugar para onde eu seja enviado; ali será o lugar onde Deus deseja que eu esteja. Então, procurarei fazer o meu melhor e estarei feliz.

Ministério: *Mas o senhor tem colegas que trabalham em uma “selva de pedras”, que também tem desafios específicos. Que conselhos lhes daria quanto ao enfrentamento e superação das suas dificuldades?*

Pastor Mudrey: A tarefa da evangelização do mundo está nas mãos tanto de um pastor que serve nos grandes centros, como daquele que o faz no meio da selva inóspita, ou sob o sol causticante. Não é o lugar que faz a pessoa, mas a pessoa faz o lugar. Portanto, cada um deve florescer onde estiver plantado. Para que essa primavera aconteça em nossa vida, é preciso que Cristo Se torne o centro motivador do nosso ministério. Não estamos sozinhos. Quem disse “ide” também prometeu: “Estou convosco todos os dias até a consumação do século”. É Cristo quem coloca em nós e mantém a paixão por aquilo que realizamos em Sua obra. Sendo apaixonados por Jesus Cristo, seremos apaixonados também pela missão que Ele nos confiou. ☺



Casal Mudrey: a serviço da missão

PRIVILÉGIOS E RESPONSABILIDADES



Cristina Florêncio

Coordenadora da Área Feminina da Associação Ministerial na Associação Pernambucana, Recife, PE

O que igreja espera da esposa do pastor

A cada ano, novas colegas ingressam no ministério pastoral, cheias de expectativas, sonhos e temores. Têm expectativas relacionadas com o trabalho, os desafios que enfrentarão, as alegrias de poder contribuir na salvação de pessoas. Há sonhos, muitos sonhos de poder ajudar, ser útil. E há temores também, por não se sentirem à altura da responsabilidade, medo de não conseguir agradar, receio das comparações com as antecessoras.

Muitas esposas entram nesta nova experiência carecendo de um preparo mais refinado, a fim de poderem enfrentar, com êxito, os desafios de aconselhar, orientar, educar e tudo o mais que lhes for exigido fazer. Muitas perguntam: O que fazer? Como devo proceder? O que a igreja espera de mim?

Após quase 20 anos de trabalho, sei que ainda tenho muito a aprender; mas, ao longo desta trajetória, pude chegar a algumas conclusões que partilho com vocês nesta reflexão.

A igreja olha para a família pastoral como um modelo a ser seguido. Devemos estar atentas a essa responsabilidade e pautar nossa conduta de acordo com os princípios e normas da Palavra de Deus.

Não podemos nos envolver no trabalho pastoral sem alimentar o relacionamento com Cristo através do estudo da Bíblia e oração. Devoção pessoal e culto familiar são duas práticas indispensáveis no lar. Segundo o livro *O Lar Adventista*, pág. 36, “um lar cristão bem ordenado é poderoso argumento em favor da realidade da religião cristã – argumento que o incrédulo não pode contradizer”. Portanto, devemos cuidar de manter a casa em ordem, um ambiente aconchegante, organizado e disciplinado. Sejamos hospitaleiras e façamos do nosso lar um ninho de amor.

Amor – eis a maior necessidade humana. Muitos irmãos vivem solitários, como resultado de relacionamentos sem afeto, companheirismo e carinho. Necessitam de um ombro amigo. Um aperto de mão, um abraço, um telefonema, uma visita, a dádiva de um pão caseiro, um pouco do nosso

tempo, entre outros gestos, pode fazer a diferença.

Quem não gosta de ser reconhecido pelo que faz? As pessoas necessitam ouvir palavras carinhosas tais como: Senti sua falta! Estava com saudade de você! Gosto do que você faz.

Os irmãos precisam saber que podem contar com seu apoio, quando necessitarem; que podem se aproximar de você para conversar.

Sensibilidade é outro requisito indispensável. Procure ser sensível às necessidades das pessoas. Ouça com atenção. Algumas pessoas querem apenas desabafar com alguém que lhes mostre empatia.

Saiba guardar segredo, não faça comentários que manchem a imagem de alguém, não se envolva com mexericos ou grupinhos, não faça acepção de pessoas, dê atenção igual a todos. Não assuma tarefas que cabem ao pastor, não tome a frente de departamentos ignorando a liderança já estabelecida. Seja discreta, simples, defensora da Igreja. Ser confiável é o que se espera da esposa do pastor.

Não precisamos assumir cargos, mas devemos estar dispostas a servir a igreja no que formos solicitadas. Isto é, podemos orientar, treinar, ajudar a formar líderes em áreas que estejam de acordo com nossas habilidades. Não fique se martirizando pelo dom que você não possui. Procure descobrir e desenvolver os dons que o Senhor lhe deu e use-os para a Sua glória e estabelecimento do reino.

A igreja espera que a esposa do pastor seja uma conselheira dos jovens, crianças, casais e todos os que necessitam de orientação. Para isso, devemos ler, ampliar nossos conhecimentos. Sempre que possível, é bom acompanhar o esposo na visitação, especialmente às mulheres e aos casais.

Todos necessitamos de amigos, alguém para compartilhar, que se alegre ou chore conosco. Devemos ser amigas de crianças, adolescentes, jovens e idosos. Tome a iniciativa de ir até eles; ofereça sua amizade e certamente terá a deles em troca. Mas, seja discreta; não fale de seus problemas pessoais nem da liderança denominacional.

Seja bem-vinda à família pastoral e desfrute a alegria de servir ao Senhor. ☉

SEIS FACES DA ADORAÇÃO



William Loveless

Ph.D., professor
da Universidade
Loma Linda,
Estados Unidos

O culto não é uma conferência ou exercício intelectual. A questão central é o desejo de Deus em alimentar o Seu povo

O que diz o estilo de culto sobre a sua igreja? Atualmente, na maioria das igrejas, não há escassez de idéias a respeito do culto. O estilo de adoração é amplo, com muitas opiniões diferentes, não raro reivindicando possuírem aprovação divina. E é sempre um esforço proveitoso ouvir e observar o que está acontecendo na igreja, na hora do culto.

Em uma classe de liturgia na Universidade La Sierra, os alunos são orientados a visitar igrejas de tradições litúrgicas diferentes, na região, levando uma ficha de avaliação. Fazem anotações do que foi observado, e depois apresentam um relatório que se torna muito útil em seu preparo ministerial. Os critérios de avaliação devem refletir as Escrituras. A ficha contém seis perguntas simples, cujo objetivo é destacar o que funciona bem, de modo que isso possa contribuir para o crescimento da comunidade adoradora.

As seis perguntas são estas:

1. Encontro Deus durante o período de culto?
2. Amam-se mutuamente os adoradores?
3. Importam-se os adoradores com a comunidade?
4. Há poder?
5. Aprendi alguma coisa nova?
6. Qual é o fator relaxamento?

Muitas pessoas visitam nossos templos, semanalmente, ao redor do mundo. São adoradores que têm pouco ou nenhum conhecimento do que seja o culto nem como ele é realizado. As perguntas foram estruturadas de modo que tanto o adorador iniciante como o experiente possam ser estimulados ao examiná-las. As implicações que acompanham as perguntas são valiosas.

ENCONTRO COM DEUS

Como posso estar aberto a Deus, durante o culto? Essa questão trata com uma intenção positiva, crucial na mente do adorador. Isto é, Deus Se revela mais prontamente àqueles que

O desejam, do que aos adoradores casuais que vão à igreja apenas para ocupar o tempo.

O Senhor vem a nós de maneiras imprevisíveis durante o culto. Ele está presente na igreja, mas necessitamos permitir-Lhe contatar-nos, uma verdade muito bem estabelecida no livro *O Desejado de Todas as Nações*: "Cristo não escolheu, para Seus representantes entre os homens, anjos que nunca pecaram, mas seres humanos, homens semelhantes em paixões àqueles a quem buscavam salvar. ... A divindade necessitava da humanidade, a fim de que esta proporcionasse meio de comunicação entre Deus e o homem."¹

Esse "meio de comunicação" envolve orações, cânticos, sermões, e toda forma de comunicação verbal ou não verbal.

AMOR MÚTUO

Como podemos saber se adoradores se amam? Dirão isso uns aos outros? Dirão a nós? Abraçam-se? Olham nos olhos uns aos outros e a nós? Como preenchem o vazio entre eles? Pesquisas demonstram que "as igrejas que crescem possuem, geralmente, um 'quociente de amor' mensuravelmente mais elevado do que aquelas que estagnaram ou encontram-se em declínio".²

Para determinar o "quociente de amor", devemos considerar os seguintes critérios: Quanto tempo os membros ficam juntos fora das reuniões da igreja? Quão freqüentemente se reúnem, socialmente ou para uma refeição? Quão generosa é a igreja no atendimento a necessitados?

Dois grandes princípios do "quociente de amor" foram identificados: alegria e hospitalidade. Amor não fingido, prático, tem um poder magnético, divinamente gerado, muito mais efetivo do que programas evangelísticos que dependem da comunicação verbal.

ENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO

Na sociedade atual, onde certas pessoas precisam se deslocar alguns quilômetros para ir à

igreja, a questão real pode ser: À qual comunidade, ou qual área a igreja estará servindo? Como podem os vizinhos dizer se a igreja se importa com eles? Que tipo de abordagem é encorajada – prosélita, ou desinteressadamente benévola? Ou há um equilíbrio?

A tarefa da igreja é usar seus dons para servir aos de fora, focalizando suas necessidades e inquietações, de modo que possam construir um relacionamento cristão. Essa tática foi utilizada por Jesus: “O Salvador misturava-Se com os homens como uma pessoa que lhes desejava o bem. Manifestava simpatia por eles, ministrava-lhes às necessidades e granjeava-lhes a confiança. Ordenava então: ‘Segue-Me’.”³

PODER NECESSÁRIO

Há poder no culto? Poder não significa excentricidade e barulho. A questão pode ser feita de uma outra forma: Quando o Espírito chega? Quando Ele Se manifesta? Quando a congregação se sente inspirada, pelo poder divino, a servir?

Quando uma pessoa desperta para “o poder divino”, Sua presença é sentida. Reconhecemos que a inspiração é produzida pelo Espírito Santo. Sempre que Ele esteja verdadeiramente operando, haverá um efeito concreto na maneira pela qual o culto é conduzido, incluindo a atmosfera da reunião e a resposta dos adoradores.

Pessoas assistindo a um culto verdadeiramente inspirado indicam que ir à igreja é uma experiência agradável. E quando o culto é inspirador, o povo é impulsionado a servir.

APRENDIZADO

Devemos ter em mente que o culto não é uma conferência nem um exercício acadêmico. Na verdade o âmago da questão é o desejo de Deus em alimentar o Seu povo. Pensemos nas experiências enriquecedoras que Deus nos possibilita durante o culto. De quantas maneiras uma música pode ser ouvida, cantada ou tocada; quantas lições podem ser extraídas da Palavra lida e explicada.

Quando começamos a olhar as possibilidades existentes no culto, verificamos quão infinitas e inimagináveis são as formas pelas quais Deus pode aproximar-Se de nós e comunicar-Se conosco. Verifique a lista, embora ela não pretenda ser exaustiva:

Sermão expositivo. A exposição de uma passagem bíblica, usada em uma série de sermões.

Sermão de tópico. Abordagem de um assunto, fundamentada em textos bíblicos. A maioria dos sermões evangélicos segue esse modelo.

Sermão temático. Como a expressão indica, utiliza um tema e variação. Isso pode ser feito por pregadores experientes e criativos.

História. Narrativa de uma história da Bíblia. Se for bem feita, será poderosa. Do contrário será muito enfadonha.

Mensagem dialógica. Duas vozes (pregadores) em diálogo podem produzir uma mensagem duplamente poderosa e atraente.

Música. A música é parte da adoração. E a observância de certos princípios bíblicos, também encontrados nos escritos de Ellen White, aliada à sensibilidade espiritual, pode estabelecer uma atmosfera inspiradora.

Oração. Oração silenciosa, cantada ou falada também é uma forma de louvor.

Silêncio. O silêncio, em combinação com outras formas de louvor, também é benéfico. Ouvir, meditar e refletir são essenciais na comunhão com Deus.



William de Moraes

Arquitetura. Quando se dá cuidadosa atenção ao ambiente de culto, os resultados são ricos e inspiradores. Os símbolos do cristianismo são muitos e podem ser utilizados, conforme o tempo e o espaço disponíveis. Dar atenção ao visual e à manutenção do local é um testemunho positivo.

Os sermões, que para algumas pessoas representam o principal meio de inspiração, devem ser bem preparados, apresentados com verdadeira paixão e de modo convincente, a fim de dar esperança aos ouvintes que vivem e trabalham em um mundo cada vez mais difícil.

FATOR RELAXAMENTO

O culto público deve ser encarado com seriedade. Sua essência está diretamente relacionada à preparação dos adoradores para entrar coletivamente na presença de Deus. Deus pode ser cultuado em muitos lugares, de muitas maneiras e sob circunstâncias diferentes. Mas quando os santos vão à igreja, deve haver o máximo de cuidado e atenção no planejamento, por parte do líder.

O oposto de planejamento e atenção é o relaxamento. Esse fator é expresso no tempo desperdiçado em anúncios impertinentes e vagos, comentários óbvios (tais como sobre a temperatura), referências desnecessárias sobre a ligação de alguém com o pregador, durante a apresentação deste, vazios entre as apresentações, orações que mais parecem mini-sermões do que conversação com Deus. Tudo isso compõe o fator relaxamento.

A grande competidora do culto público hoje é a mídia visual, com suas imagens coloridas e rápidas. Pensar no dinheiro, pessoal e tempo de preparo investidos na produção de um comercial de 15 segundos é instrutivo. Deveria o preparo do culto ser tratado com menos seriedade? Absolutamente, não.

Quando as várias partes do culto são desempenhadas segundo o impulso do momento, ou se tornam rotineiras e casuais, o culto se deteriora e a ação do Espírito é estorvada. Nosso Deus, que criou tantas coisas lindas, cores e sons, deve esperar um louvor criativo da nossa parte, ao Se encontrar conosco. Vamos “surpreendê-Lo” no próximo sábado. ■

Referências:

¹ Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 296.

² Christian Schwartz, *Natural Church Development*, pág. 36.

³ Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, pág. 143.

PARCEIROS DE ORAÇÃO



Philip Samaan

D.Min.,
professor de religião
na Universidade
Adventista do Sudeste,
Tennessee,
Estados Unidos

**Podemos
mesclar
as gotas
de nossas
preces com
o inesgotável
fluxo da
intercessão
de Cristo
em favor da
humanidade**

Um dos esplendores naturais da América do Norte são as cataratas do Niágara. Quando meus olhos as focalizaram pela primeira vez, fui capturado pelos vislumbres espirituais que elas nos possibilitam; percepções que influenciaram profundamente minha vida de oração. Contemplei como que petrificado a grandeza do seu imponente fluxo. Vi suas formidáveis torrentes; ouvi seu barulho ensurdecedor e senti sua turbulenta força. E não conseguia me retirar dali, absorvido como estava pelo abundante poder e amor de Deus.

E quando me pus a orar em busca da direção divina e por uma vida de oração mais eficaz, o Senhor me impressionou a ver no contínuo aguaceiro do Niágara as orações de Cristo em meu favor. “Sim, Senhor”, eu respondi, “mas isso diz respeito às orações de Cristo. O que dizer das minhas fracas preces? Elas são apenas como gotas de água, quando muito, um regato.” Então uma convicção me atingiu como um raio: Por que não unir suas fracas orações com as poderosas orações dEle?

ÁGUA E INCENSO

Sempre achei que minha fé era débil e minhas orações insignificantes. Mas agora o Senhor estava desviando meu olhar de mim mesmo e fixando-o nEle. Dizia-me para concentrar minha vacilante fé em Sua inquebrantável fé; e unir minhas inseguras orações às Suas poderosas orações. Mergulhe! Jogue-se no fluxo, era a convicção do meu coração. Esse encontro com Deus exerceu um forte impacto em meu ministério.

A convicção que me foi dada pelo Espírito, para juntar minhas orações às de Cristo, levou-me a estudar Apocalipse 8:3 e 4: “Veio outro anjo e ficou de pé junto ao altar, com um incensário de ouro, e foi-lhe dado muito incenso para oferecê-lo com as orações de todos os santos sobre o altar de ouro que se acha diante do trono; e da mão do anjo subiu à presença de Deus a fumaça do incenso, com as orações dos santos.” O uso de palavras tais como *incensário*, *altar*, *incenso*, *orações*, *trono* e *fumaça* deixa claro que o tema dessa passagem é oração.

A atividade aqui descrita ocorre perto do altar de incenso antes do véu interior, levando diretamente à glória de Deus. É maravilhoso perceber o que acontece às orações humanas quando elas alcançam o santuário celestial. Aqui a cortina é descerrada para nos dar um lampejo de como são processadas as orações dos santos. O anjo, que postou-se diante do altar, recebeu “muito incenso” e instruções sobre como oferecê-lo com as orações dos santos. E ele ofereceu essa mistura sobre o altar de ouro, de onde ela ascendeu para o trono de Deus.

Esse texto torna a intercessão de Cristo no santuário celestial relevante para nossa intercessão pastoral em favor de outras pessoas. Ele trata com duas entidades que devem se tornar uma: o incenso e as orações dos santos. A mistura do regato das minhas orações com o potente fluxo das orações de Cristo soa como as vacilantes preces dos santos mescladas com a perfeita justiça e intercessão de Jesus.

Agora eu posso unir minhas orações com as preces do meu maior parceiro de oração – Jesus Cristo. Seu “muito incenso” torna fragrante as maculadas orações, contaminadas com o eu, que brotam de mim. Agora sou irresistivelmente atraído ao trono de graça, sabendo que minhas súplicas podem ser consumidas pelo fogo purificador da justiça de Cristo, tornando-se uma agradável fragrância pelo incenso de Sua intercessão que sobe do altar.

SÍMBOLO DE MEDIAÇÃO

Mesmo no santuário terrestre, o incenso “devia subir perante Deus de mistura com suas orações. Esse incenso era um símbolo da mediação de Cristo”.¹ O incenso representa pelo menos duas coisas: a perfeita mediação de Cristo e Sua perfeita justiça. “Essas orações, mescladas com o incenso da perfeição de Cristo, ascenderão como fragrância ao Pai.”²

Aqui o tipo de Êxodo 30:7 encontra o antítipo de Apocalipse 8:3 e 4. Arão, o sumo sacerdote terrestre, deveria queimar o incenso sobre o altar diante do propiciatório, a cada manhã, como incenso perpétuo diante do Senhor. Cristo, nosso Sumo Sacerdote celestial, com Seu “muito incenso”, também intercede perpetuamente por nós. Arão deveria queimar o incenso no altar, pela manhã e pela tarde, em nome do povo. Como pastores, nossas orações em favor dos crentes, ascendendo junto com as orações de Jesus, devem ser uma experiência diária, oferecidas toda manhã e no final de cada dia. Não se trata de um acontecimento esporádico, mas perpétuo.

O oferecimento diário de orações misturadas com incenso implica não apenas perpetuidade mas também prioridade. Nosso primeiro e mais importante compromisso pastoral deve ser começar e findar cada dia com Jesus, respirando constantemente uma atmosfera de oração, de modo que os membros de nossas congregações percebam que temos andado com o Senhor.

AROMA SUAVE

Paulo usa poderosas imagens para tratar a cooperação do divino com o humano em orações e testemunho. Ele nos insta a caminhar no amor de Cristo, que “nos amou e Se entregou a Si mesmo por nós, como oferta e sacrifício a Deus, em aroma suave” (Efés. 5:2). Aqui ele descreve o próprio Cristo como o sacrifício queimado e exalando um aroma

suave diante de Deus. Em II Coríntios 2:14 e 15, ele nos apresenta como o “bom perfume de Cristo”, difundindo Sua doce fragrância sempre e em todo lugar: “Graças, porém, a Deus, que, em Cristo, sempre nos conduz em triunfo e, por meio de nós, manifesta em todo lugar a fragrância do Seu conhecimento. Porque nós somos para com Deus o bom perfume de Cristo, tanto nos que são salvos como nos que se perdem.”

**Nossas
orações em favor
dos crentes
devem ser
oferecidas toda
manhã e no final
de cada tarde**

O apóstolo tem em mente a analogia de uma procissão triunfal romana, na qual um general vitorioso deveria ser recebido por muitos dignitários, alguns carregando incensários transbordando incenso perfumado. Essa é a mesma idéia encontrada na carta aos efésios. Paulo usa a imagem de sacrifício e incenso queimados, para descrever não apenas o ministério de Cristo, mas também nosso papel ligado a ele. Estamos juntos com Cristo, em Seu amoroso ato de oferecer-Se como um sacrifício a Deus.

Estamos participando da marcha vitoriosa de Cristo, difundindo o suave aroma de nosso conhecimento pessoal dEle. Quando nos entregamos a Deus, através da intercessão de Cristo, também apresentamos o nosso corpo “por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus” (Rom. 12:1). Andar em Seu amor e exalar Seu aroma torna-se, então, um todo-absorvente estilo de vida, de modo que Paulo se refere a nós como sendo o “bom perfume de Cristo”.

Poderíamos admirar-nos de que Jesus necessite orar por nós e conosco diante de Deus. No entanto, Suas orações não são feitas para tentar apaziguar a ira de Deus, ou impressioná-Lo a nos amar. O amor do Pai é eterno. Seu pro-

fundo interesse e intensa preocupação por nós são inexauríveis. Ele nos ama com o mesmo amor com que ama Seu Filho unigênito. “O Pai demonstra para com Cristo, que pagou com sangue o preço de nossa redenção, o Seu infinito amor, aceitando como Seus os amigos dEle. Está satisfeito com a expiação que Cristo efetuou, e é glorificado na vida, morte e mediação de Seu Filho.”³

Além disso, a respeito da mediação de Cristo, também nos é dito que “no incensário reúne Ele as orações, o louvor e as confissões de Seu povo, juntando-lhes Sua própria justiça imaculada. Então, perfumado com os méritos da propiciação de Cristo, o incenso ascende perante Deus completa e inteiramente aceitável. Voltam então graciosas respostas”.⁴

A VIGILIA DE CRISTO

Em Marcos 14:37, encontramos Jesus no jardim do Getsêmani, apelando a Pedro, Tiago e João para que ficassem despertos, orassem e vigiassem. Afastou-Se para orar e, “voltando, achou-os dormindo; e disse a Pedro: Simão, tu dormes? Não pudeste vigiar nem uma hora?” Jesus não Se dirigiu a João e Tiago, chamando-os pelo nome, mas mencionou o nome de Pedro. Acredito que essa distinção é devida à experiência anterior, quando o Mestre disse que orou pelo discípulo para que sua fé não desfalecesse (Luc. 22:32). Jesus queria envolver a Pedro em Sua vida de oração. Ele necessitava que Pedro fizesse isso, juntamente com os outros discípulos, permanecendo ali e vigiando com Ele (Mat. 26:38).

As palavras “vigiai” e “comigo”, nesse texto, são significativas porque elas se referem à permanência dos discípulos acordados, com o propósito de partilhar com Cristo de Sua oração de vigília. É singular que o poderoso intercessor, que orou por Seus discípulos muitas vezes, agora necessite das orações deles.

Aqueles discípulos desperdiçaram um enorme privilégio, experimentando apenas a periferia de uma experiência que poderia ser mais profunda para eles. Se tivessem tirado vantagem dessa ocasião especial, estariam fortalecidos para as terríveis experiências posteriores. Pode Cristo contar conosco, Seus subpastores, quando Ele quiser partilhar conosco os mais pesados fardos de Suas preces? Irá Ele nos encontrar despertos ou dormindo?

Quando o Supremo Pastor nos convida a partilhar de Suas orações, isso é um chamado da mais alta importância. É uma indicação clara de que Ele confia em nós e que deseja conservar-nos cada vez mais íntimos dEle. É interessante que Pedro e João, que falharam não atendendo o convite de Cristo para unirem-Se com Ele em oração, descrevem os crentes como sacerdotes diante de Deus: “Também vós mesmos, como pedras que vivem, sois edificados casa espiritual para serdes sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo” (1 Ped. 2:5). João escreve a respeito do ministério sacerdotal em Cristo, que “nos constituiu reino, sacerdotes para o Seu Deus e Pai” (Apoc. 1:6)

É um privilégio e um sagrado dever podermos servir como sacerdotes junto com Cristo

SACERDOTES COM JESUS

Cristo, nosso Sumo Sacerdote, nos fez pastores-sacerdotes nEle. Ordenou-nos oferecer sacrifícios de orações e súplicas através dEle. Somos chamados a entrar nesse ministério sacerdotal, que às vezes envolve pranto e “dores de parto” por homens e mulheres. “Bem-aventurados são também os que choram com Jesus, em simpatia com os entristecidos do mundo, e em tristeza pelo pecado. Desse pranto não participa nenhum pensamento egoísta. Jesus foi o Varão de dores, suportando angústia de coração tal que nenhuma linguagem poderá retratar. ... Todos os que são seguidores de Cristo terão parte nesta experiência. Ao participarem de Seu amor, entrarão para o Seu serviço a fim de salvar os perdidos.”¹

De que maneira nosso sacerdócio interage com Seu ministério sumo-sacerdotal, quando oramos juntos? Tão santa participação sempre resulta em submissão a Ele. Quando Ele assume o trono de nosso coração, Sua vida torna-se nossa vida, passa a viver em nós e ministra por nosso intermédio. Ama, cuida, sacrifica, afirma e ora através de

nós. Nossa vida torna-se uma expressão de Sua vida.

É um privilégio e um sagrado dever podermos servir como sacerdotes junto com Cristo. “Quando reconhecemos diante de Deus nossa apreciação pelos méritos de Cristo, nossas intercessões adquirem aroma suave. Oh, quem pode avaliar tão grandes misericórdia e amor! Ao nos aproximarmos de Deus através da virtude dos méritos de Cristo, somos vestidos com vestes sacerdotais. Ele nos coloca bem perto dEle, envolvendo-nos com o Seu braço humano, enquanto com Seu braço divino abraça o trono do Infinito. Cristo coloca Seus méritos, como um suave incenso, em um incensário em nossas mãos, para encorajar nossas petições.”²

Esse sacerdócio de todos os crentes foi demonstrado na experiência de Jó, enquanto ele orava por seus filhos e por seus críticos. O patriarca consagrava seus filhos a Deus, oferecia sacrifícios e orava por eles regularmente (Jó 1:4 e 5). Na verdade, Jó, em seu papel sacerdotal, foi um tipo de Jesus orando em nosso favor. Assim como aquele patriarca oferecia sacrifícios e orava em favor de seus filhos, Jesus sacrificou-Se e agora vive para interceder por nós. Além disso, Deus mostrou interesse de que Jó intercedesse por seus três críticos: “O Meu servo Jó orará por vós; porque dele aceitarei a intercessão, para que Eu não vos trate segundo a vossa loucura” (Jó 42:8), disse o Senhor. Jesus Cristo também intercedeu por Seus críticos e algozes. Em certo sentido, Jó penetrou na esfera da atividade intercessora de Cristo por amigos e adversários.

Houve também o ministério intercessor de Samuel. Os israelitas chegaram a temer pela própria vida, porque tinham recusado o governo de Deus. E pediram: “Roga pelos teus servos ao Senhor, teu Deus, para que não venhamos a morrer; porque a todos os nossos pecados acrescentamos o mal de pedir para nós um rei.” Então Samuel lhes respondeu: “Quanto a mim, longe de mim que eu peque contra o Senhor, deixando de orar por vós; antes, vos ensinarei o caminho bom e direito” (1 Sam. 12:19 e 23).

Para Samuel, orar pelo povo era tão crucial que ele considerou um pecado contra Deus não fazê-lo. Da mesma forma, somos chamados a entrar na esfera da intercessão de Cristo por Seus filhos, mesmo, ou principalmente, quando eles se afastam de Deus.

“RISCA-ME!”

Talvez o exemplo mais poderoso da intercessão de Cristo é encontrado no ministério de Moisés. O Senhor resolveu destruir os israelitas, por causa da rebelião que os levou a cultuar um bezerro de ouro. E assegurou a Moisés que poderia suscitar uma nova e poderosa nação. Mas o grande líder não pensou em si mesmo; estava consumido de preocupação pelo povo. E subiu então ao monte, a encontrar-se com Deus, para interceder em favor dos israelitas, recordando as maravilhosas promessas que o Senhor fizera a Seu povo. Em sua oração intercessória, Moisés suplicou: “Ora, o povo cometeu grande pecado, fazendo para si um deus de ouro. Agora, pois, perdoa-lhe o pecado; ou, se não, risca-me, peço-Te, do livro que escreveste” (Êxo. 32:31 e 32).

No concílio celestial, o Filho de Deus voluntariamente Se dispôs a entregar a vida pelo mundo perdido. Isso representou um custo incalculável: teria de experimentar a segunda morte em lugar da humanidade pecadora. A oferta de Moisés, no sentido de ter seu nome riscado do livro da vida, não foi aceita por Deus. Mas a dádiva de Cristo foi aceita. Ele experimentou a segunda morte; e, por esse ato, nem o nome de Moisés nem qualquer outro nome precisa ser riscado do livro da vida.

Certamente, Moisés, com sua fervorosa intercessão, que fluía de um coração amoroso, também entrou no sagrado âmbito da intercessão de Cristo por homens e mulheres. Como pastores a serviço de Jesus, podemos ir a Ele como estamos. Entreguemo-nos ao abraço de Suas orações. Deixemos que Seu compassivo braço humano nos envolva juntamente com nossas congregações, enquanto Seu braço divino nos liga ao trono do Infinito.

Podemos pingar as gotas de nossas orações nas volumosas torrentes das Suas preces. Então o “muito incenso” de Sua intercessão se unirá aos nossos maculados rogos até que eles possam ascender como aroma suave ao nosso Deus. Jesus ora conosco agora. ☀

Referências:

- 1 Ellen G. White, *Temperança*, pág. 43.
- 2 _____, *Testemunhos Para a Igreja*, vol. 6, pág. 467.
- 3 _____, *Testemunhos Para a Igreja*, vol. 6, pág. 364.
- 4 _____, *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, pág. 344.
- 5 _____, *O Maior Discurso de Cristo*, págs. 12 e 13.
- 6 *Seventh-Day Adventist Bible Commentary*, vol. 6, pág. 1078.

A IGREJA QUE ATRAI



Ricardo Norton

D.Min., professor de crescimento de igreja no Seminário Teológico da Universidade Andrews, Estados Unidos

Membros e atividades de uma congregação devem ter força magnética para levar pessoas a Cristo

A capacidade que tem o ímã para atrair e reter certos objetos metálicos nos lembra a tarefa da igreja, de atrair e manter o povo ligado ao corpo de Cristo. Jesus tinha isso em mente quando disse: “Eu vos escolhi a vós outros e vos designei para que vades e deis fruto, e o vosso fruto permaneça” (João 15:16). Atrair e conservar novos membros é essencial para a sobrevivência da igreja. Sem isso, ela estagnar-se-á e morrerá.

A capacidade atrativa que tem um ímã depende das forças magnéticas que ele irradia. Quanto mais perto os objetos estão do ímã, mais fortemente eles serão captados por sua força. Então, se tornam magnetizados e capazes de atrair outros objetos a ele.

No campo espiritual, Cristo é a força magnética que atrai pessoas ao Seu corpo, a Igreja. Disse Ele: “Ninguém pode vir a Mim se o Pai que Me enviou, não o trouxer” e “o que vem a Mim, de modo nenhum o lançarei fora” (João 6:44 e 37). Quanto mais intimamente as pessoas estiverem ligadas a Cristo, serão cada vez mais incorporadas ao Seu corpo e maior o poder de atração exercido.

Jesus atraiu pessoas “de toda parte” (Mar. 1:40-45). E estabeleceu a Igreja para que fosse uma força atrativa. Espera que ela atraia homens e mulheres de todos os lugares e se torne uma “casa de oração para todos os povos” (Isa. 56:7). A fim de que sejam efetivos no cumprimento desse propósito, todos os seus membros e atividades necessitam ser transformados em forças atrativas. Aqui estão cinco itens que podem se tornar pontos de atração em benefício do crescimento eclesial.

PREGAÇÃO MAGNÉTICA

A pregação é um dos mais efetivos ímãs empregados para conduzir pessoas à Igreja de Jesus. O livro de Atos apresenta um único sermão de Pedro, que foi o principal instrumento para a conversão de aproximadamente três mil pessoas (Atos 2:41-44). Infelizmente, porém, nem toda pregação é magnética. Pelo contrário, há pregação que é repulsiva; mensagens que são mais toleradas do que desfrutadas.

Uma pregação magnética requer um pregador magnético. E isso é um imenso desafio, especialmente em longos pastorados, onde as congregações têm de ouvir o pastor pregar semana após semana, durante anos. A preparação de sermões inspiradores requer um tempo todo-absorvente e, na maioria dos casos, os pastores dedicam pouco tempo ao preparo de sermões. Há muitas outras coisas para fazer.

Mas o púlpito é o centro nervoso dos ministérios da igreja. É a mesa ao redor da qual a congregação se reúne para ser alimentada espiritualmente, inspirada e motivada. É a sala de aula onde os membros são instruídos e desafiados. Embora o rebanho deva receber nutrição espiritual, o pastor não necessita ser o único a lhe providenciar alimentação semanal. Ele deve treinar anciãos e outros líderes para que sejam bons pregadores. Pode convidar colegas para que sirvam alimento espiritual de excelente qualidade. Convidando pregadores bem selecionados, o pastor terá tempo disponível para exercer outras responsabilidades ministeriais e preparar sermões nutritivos.



A pregação magnética deve estar fundamentada em Cristo e ser propagada no poder do Espírito Santo. Jesus e o Espírito Santo formam um dueto dinâmico e transformador. Jesus enternece os corações e o Espírito Santo os transforma.

CRENTES MAGNÉTICOS

Igrejas magnéticas são compostas de homens e mulheres magnéticos. Membros amistosos, fraternos, amorosos, que refletem o amor de Deus em suas palavras e seus atos, constituem-se valiosos magnetos humanos. Uma das razões pelas quais muitos descrentes não são atraídos às igrejas é que seus membros freqüentemente se revelam inamistosos.

Empregados de certas casas comerciais são às vezes mais graciosos e amigáveis para com seus clientes do que algumas igrejas em relação aos visitantes que recebem. As pessoas retornam a essas lojas porque apreciam a atenção dispensada e o bom produto oferecido. A igreja não deveria ser menos atrativa do que uma loja comercial. Ela deveria providenciar o melhor produto e a melhor atenção para seus visitantes.

Embora os pastores não sejam a principal razão de as pessoas virem à igreja, normalmente eles são uma das principais razões da permanência delas na congregação. Os pastores podem afetar profundamente o poder magnético da igreja. A Bíblia diz que “como é o povo; assim é o sacerdote” (Osé. 4:9). As congregações tendem a assimilar a personalidade, atitude e modos de abordagem do líder, refletindo isso como um espelho. Dificilmente o testemunho de uma igreja crescente acontece sem um líder magnético forte.

Pessoas magnéticas não são necessariamente sofisticadas, refinadas; mas pessoas humildes e dedicadas, que amam os semelhantes e desejam a salvação deles. Nossa sociedade sente falta de amor. As pessoas estão famintas de amor.

Disse Jesus: “Nisto conhecerão todos que sois Meus discípulos: se tiverdes

amor uns aos outros” (João 13:35). As visitas que vão à igreja estão mais interessadas em sentir o quanto seus membros se interessam por elas do que saber quanto eles conhecem sobre a Bíblia.

PROGRAMAÇÃO MAGNÉTICA

Vivemos em um mundo no qual a bondade foi substituída pela indiferença, e onde poluentes sociais estão corroendo a sociedade e afastando as pessoas da verdadeira alegria e felicidade. O estresse, a ansiedade e o temor eclipsam a sociedade moderna. As pessoas são atraídas a programas nos quais possam aprender a resolver os problemas que encontram em seu dia-a-dia.

Os programas da igreja deveriam ter como objetivo atrair, educar e contribuir para o crescimento individual. Um programa atrativo é aquele direcionado à satisfação das diversas necessidades emocionais e espirituais da comunidade. Um programa assim deve libertar a mente, estimular o espírito e fortalecer relacionamentos.

Igrejas atrativas contextualizam seus programas de acordo com a idade e as necessidades do público-alvo. As igrejas necessitam criar estruturas de participação de tal modo que grupos de todas as idades na congregação possam ser envolvidos, de acordo com os dons que receberam do Senhor. Jovens e idosos freqüentemente são dois grupos ignorados nas programações.

Os programas necessitam ser constantemente avaliados e adaptados às necessidades variáveis da comunidade. O mesmo programa velho, estereotipado, pode ser melhorado de modo a ter uma nova e atrativa relevância. Se quisermos que as pessoas continuem vindo à igreja, os programas precisam ser de alta qualidade.

Muitos bons programas e atividades têm fraca assistência por causa da propaganda fraca. Uma boa propaganda capta a atenção das pessoas. A criação de faixas, anúncios por e-mails, uma página bem desenhada na Internet, convites pessoais, folhetos e anúncios dramatizados, poucas semanas antes do evento, ajudarão a garantir uma boa assistência.

INSTALAÇÕES MAGNÉTICAS

Para os cristãos primitivos, os templos não eram muito importantes. As primeiras comunidades cristãs cresceram e disseminaram o evangelho reunidas em casas e até ao ar livre. Mas o

mundo mudou e os cristãos trabalham para alcançar uma sociedade que dá muita ênfase ao visual e ao conforto.

Não podemos pretender conquistar a sociedade do século 21 com métodos do primeiro século. Trabalhamos em meio a uma geração para a qual o próprio termo “igreja” tem o significado alterado. Para muitas pessoas, essa palavra já não denota uma companhia de pessoas mas uma estrutura física. Antes que estejamos capacitados a educá-las sobre o verdadeiro significado da palavra “igreja”, precisamos atraí-las a um edifício que lhes seja confortável.

Igrejas atraentes possuem edifícios atraentes, com bancos convidativos, boa iluminação, banheiros limpos e suficiente espaço para estacionamento, bom visual externo e interno, e dispõem de um bom sistema de ventilação e aquecimento. A sociedade tem se habituado a belíssimos parques, *shoppings centers*, salas de cinema e outros locais de entretenimento, e não se deixa atrair por edifícios dilapidados. Templos desmantelados, com pintura descascando, janelas quebradas e outras provas de descuido são um sinal de morte.

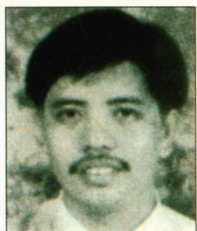
Instalações infantis apropriadas também são importantes para que uma igreja seja atraente. Os pais sempre levarão seus filhos a igrejas nessas condições, ao invés de igrejas com classes desconfortáveis. As crianças também gostarão mais de um lugar bem arquitetado e pedagogicamente bem desenhado para a sua idade e suas necessidades do que de uma sala de Escola Sabatina desconfortável.

O IMÃ PRINCIPAL

O santuário é o lugar onde a criatura encontra-se com o Criador. É o lugar de habitação no qual Deus especialmente revela Sua presença: “E Me farão um santuário, para que Eu possa habitar no meio deles” (Êxo. 25:8). O ambiente e a aparência desse lugar da habitação de Deus devem ser planejados para honrá-Lo. Deveria ser um pequeno Céu na Terra.

A igreja atrai pessoas a fim de que sejam salvas por Cristo. Mas pregação, membros da igreja, programas e templos confortáveis, sem o poder de Cristo, tornam-se um fim em si mesmos e não atrairão pessoas ao Seu poder salvador. A igreja é cristã por causa de Cristo. No momento em que a igreja deixa de centralizar-se em Cristo, ela deixa de ser cristã. ☀

CENTRALIZADOS EM CRISTO



Ferdinand Regalado

Ph.D., professor de Antigo Testamento no Seminário Teológico da Universidade Adventista das Filipinas

“Podemos nós, nos mais humildes deveres e ínfimas posições da vida, andar e trabalhar com Jesus”

Eugene Peterson fala como sua filha o despertou para a compreensão de que ele estava negligenciando as obrigações familiares devido às suas atividades pastorais: “Eu estava sentado na sala de estar, depois do jantar em uma terça-feira, quando ela me pediu para ler um livro para ela. Respondi-lhe que não podia porque tinha uma reunião na igreja. Ela então disse: ‘Esta é a 38ª noite seguida que você não fica em casa.’”¹

Há outra declaração que nos faz pensar: “Nós salpicamos aqui e ali tentando desesperadamente cumprir as muitas obrigações que nos pressionam. Somos empurrados para frente e puxados para trás, entre os compromissos ministeriais e as responsabilidades familiares. Enquanto nos ocupamos em satisfazer as necessidades de filhos e esposa, sentimo-nos culpados de negligência para com os requerimentos da igreja. Quando respondemos às pressões do trabalho, tememos estar falhando com nossa família.”²

Talvez você possa se ver pintado neste quadro; oprimido entre as obrigações da família e o trabalho pastoral. Qual das duas coisas deveria ser a sua escolha?

Lembro-me de quando eu era professor em uma universidade e, ao mesmo tempo, pastoreava uma igreja vizinha nos fins de semana. Além disso, era um jovem esposo e pai “neófito” da minha primeira filha. Queria ser perfeito como pai, marido, pastor e professor, e temia afogar-me no mar de papéis e alvos conflitantes que me torturavam. Quando olho para trás, compreendo que simplesmente sobrevivi e passei de uma tarefa a outra sem conseguir respostas.

Entretanto, recentemente deparei-me com o livro *Freedom of Simplicity* [A Liberdade da Simplicidade], de Richard Foster, onde encontrei a ajuda de que precisava. Foster sugere que para experimentar liberdade do emaranhado de papéis conflitantes, devemos “viver no Centro”.³ Para ele, todo aspecto da vida pastoral, quer dirigindo uma comissão ou lendo uma história para sua filha de cinco anos, deve ser centralizado em Deus. “Jardinagem já não era uma experiência fora do meu relacionamento com Deus – descobri-O na jardinagem. Nadar já não era apenas um bom exercício, mas uma oportunidade para comunhão com Deus. Deus em Cristo tinha Se tornado o Centro.”⁴

Como pode um pastor com as demandas do trabalho nas igreja e no lar praticar a vida no Centro?

RELACIONAMENTO COM DEUS

Primeiramente, viver no Centro significa viver todos os aspectos da nossa vida em relação a Deus. Isso é vida integral. Há uma tendência para dicotomizar a vida em



Jo Card

duas esferas diferentes: a secular e a espiritual.

Tendemos a pensar que ajudar a esposa a lavar pratos ou roupas não é parte do nosso ministério, porque assumimos que tais coisas não estão na lista de deveres sagrados. São fora do escopo da descrição de nosso trabalho como pastores. Qualquer trabalho doméstico não incluído em nosso portfólio ministerial é visto como irreligioso ou não santificado. Porém, note estas palavras: “A maior parte da vida de nosso Salvador, passou-a Ele em paciente labor na oficina de carpinteiro em Nazaré. Anjos ministradores assistiam o Senhor da vida quando caminhava ao lado dos camponeses e jornaleiros, sem ser reconhecido nem honrado. Cumpria tão fielmente Sua missão quando trabalhava em Seu humilde ofício como quando curava os doentes ou andava sobre as ondas tempestuosas do mar da Galiléia. Assim podemos nós, nos mais humildes deveres e ínfimas posições da vida, andar e trabalhar com Jesus.”⁵

Uma das minhas alunas escreveu o que ela sentia sobre a aula e o professor. Disse que valorizava o professor não tanto pelas coisas que ele ensinava mas pela vida que vivia; especialmente quando ela o via estendendo roupas no varal. Por isso, compreendi que fazer tarefas aparentemente simples torna-se um meio extraordinário de testemunho.

GLORIFICAÇÃO DE DEUS

Viver no Centro significa considerar todo aspecto da vida do pastor, no lar e na igreja, como um louvor. Paulo nos admoesta: “Portanto, quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus” (I Cor. 10:31). “Façais outra coisa qualquer” são palavras muito importantes. Elas incluem todas as tarefas da vida do pastor no lar e na igreja. Mesmo quando há um convite para falar em uma ocasião conflitante com o dia dedicado à família, não deveríamos nos preocupar ao termos que dizer “não”. Em minha cultura filipina, é difícil dizer “não”. Às vezes, em nossa extrema cortesia, aceitamos o convite mesmo contra nossa vontade. Mas viver no Centro libera-nos para dizer “não” em tais situações.

Nossa definição de louvor é tipicamente limitada a cantar ou ir à igreja.

Mas quando o vemos como algo mais que uma celebração da presença de Deus, e sim honrando-O também com nosso estilo de vida, nossa perspectiva mudará. Paulo nos apela a apresentar nosso corpo como “sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional” (Rom. 12:1). Da perspectiva bíblica, o louvor abarca toda a vida, quer estejamos investindo tempo em estudos bíblicos ou jogando bola com os filhos. Tudo o que fazemos em nossa vida é feito porque amamos a Deus e desejamos honrá-Lo e glorificá-Lo.

Um pastorado cristocêntrico inclui atenção à igreja e à família

Gastar tempo com a família é considerado um ato de louvor. Mas muitos se sentem culpados e agem de outra forma. “Muitos, por não estarem ligados diretamente a alguma atividade religiosa, acham que sua vida é inútil, que nada estão fazendo para o avançamento do reino de Deus. Se pudessem fazer alguma grande coisa, quão alegremente a empreenderiam! Mas porque só podem servir em pequenas coisas, julgam-se justificados em nada fazer. Erram nisto. Um homem pode estar no serviço ativo de Deus enquanto empenhado nos deveres comuns de cada dia – enquanto derrubando árvores, abrindo clareiras ou indo após o arado. A mãe que educa seus filhos para Cristo está trabalhando para Deus, tão verdadeiramente como o pregador no púlpito.”⁶

PASTORADO EM CASA

Viver no Centro significa ser pastores em nosso próprio lar. É um grande paradoxo quando somos muito gentis e ternos no relacionamento

com a igreja, enquanto brigamos e gritamos com a esposa e os filhos em casa. Se somos pacientes e compreensivos com os irmãos, deveríamos ser pacientes e compreensivos com os membros da nossa família. Às vezes, quando não nos comportamos como um pastor no lar, nossa influência sobre os filhos e a esposa é comprometida. Nossos filhos nos olharão como farsaicos e hipócritas.

Larry Burkett conta a seguinte história: “Evan era o pastor de uma grande igreja evangélica e gastava quase todo momento livre com ela. Embora sua família estivesse com problemas, ele orgulhava-se de nunca permitir que eles interferissem em suas atividades. Então, num sábado pela manhã, o delegado lhe telefonou. Seu filho de 16 anos fora preso por causa de drogas, novamente. Dias antes, sua esposa sofrera um colapso emocional e estava sob observação psiquiátrica no hospital. Depois de atender a ligação, Evan compreendeu que toda sua vida tinha sido uma mentira. Estivera ligado ao seu próprio orgulho. Poderia ter aconselhado a qualquer pessoa na mesma situação a dar mais atenção à família, e até ser atendido.”⁷

Felizmente a história de Evan não termina aqui. Ele foi capaz de se recuperar do problema. Redimiu-se dos seus erros com a esposa, com seu filho e com Deus. Mas sua experiência fala bem alto a todos os pastores. Não devemos esperar até que a mesma tragédia nos atinja, antes de começar a mudar nosso ponto de referência pessoal e pastoral, daquele que é arbitrariamente dividido para o que opera a partir do Centro.

Se podemos aconselhar e pastorear igrejas, também devemos fazer o mesmo com os membros da nossa família. Nosso trabalho, como pastores, não deve ser confinado à igreja, mas, incluir igualmente nossa casa. É assim que realmente vivemos no Centro. ◉

Referências:

- ¹ Eugene H. Peterson, *Under the Unpredictable Plant: an Exploration in Vocational Holiness* (Grand Rapids: Eerdmans, 1994), pág. 35.
- ² Richard J. Foster, *Freedom of Simplicity* (San Francisco: Harper and Row, 1981), pág. 77.
- ³ *Ibidem*, pág. 78.
- ⁴ *Ibidem*, pág. 80.
- ⁵ Ellen G. White, *Caminho a Cristo*, págs. 81 e 82.
- ⁶ _____, *Profetas e Reis*, pág. 219.
- ⁷ Larry Burkett, *Profiles of Success* (North Brunswick, NJ: Bridge-Logos Publishers, 1999), pág. 185.

À LUZ DO CALVÁRIO



Woodrow Whidden

Ph.D., professor de Teologia e História da Igreja no Seminário Teológico da Universidade Andrews, Estados Unidos

**O caminho
que levou
os pioneiros
adventistas
a uma teologia
cristocêntrica**

Um dos momentos mais críticos no ministério terrestre de Jesus está relatado em João 6, quando muitos dentre os Seus seguidores “O abandonaram e já não andavam com Ele” (v. 66). Naquela conjuntura, o Mestre voltou-Se para os doze remanescentes e lhes perguntou: “Porventura, quereis também vós outros retirar-vos?” (v. 67). A resposta de Pedro, construída como uma questão retórica, fala de modo eloqüente e um tanto lamentoso por toda a raça humana: “Senhor, para quem iremos? Tu tens as palavras da vida eterna” (v. 68).

O problema de significado e destino para a existência humana somente pode ser resolvido na verdade de Cristo e Seu evangelho. Que outra resposta pode competir com essa? Além dessa verdade, a descrição de Cristo e Seu evangelho, no assentamento das convicções teológicas distintivas dos pioneiros do adventismo (1845-1915), encontramos um arranjo singularmente compreensivo de perspectivas e crenças. E essas convicções têm um formidável potencial para modelar a perspectiva ética, a mundivisão, a filosofia de vida e a missão cristã adventista do sétimo dia.

VERDADE PRESENTE

O historiador e escritor adventista George Knight já sugeriu que as duas principais realizações do período pioneiro foram, em primeiro lugar, a elaboração do que era “adventista” e, em segundo lugar, do que era “cristão” dentro do sistema de crenças adventistas do sétimo dia.¹

A expressão tradicional adventista “verdade presente” é uma daquelas que, desde os primórdios de nossa existência como um povo, tem influenciado nossa concepção do que é abrangido pelas doutrinas que trazem consigo o consenso teológico dos pioneiros do adventismo (1845-1863) e os ajudaram, na metade do século 19, a clarificar o que era mais especialmente o componente “adventista” em sua teologia, quando isso foi projetado contra o pano de fundo do que era “cristão”.

Esse consenso incluía os seguintes pontos: 1) A segunda vinda de Cristo como um acontecimento literal, visível, iminente e pré-milenário; 2) o ministério de Cristo no santuário celestial, o que envolve Sua obra como Sumo Sacerdote no lugar santíssimo desse santuário e o juízo investigativo pré-advento; 3) a eterna autoridade da lei de Deus e a observância do sábado como dia de repouso sagrado; 4) a mortalidade da alma e o estado de inconsciência dos mortos; 5) a visão aniquilacionista do inferno (destruição dos ímpios); 6) o milênio como um período no qual os remidos reinarão com Cristo, no Céu, enquanto Satanás é circunstancialmente preso na Terra desolada; 7) os dons espirituais, incluindo o dom de profecia, como sendo ainda opções ativas para o Espírito Santo utilizar na igreja; 8) saúde integral (física, mental, social e espiritual) altamente enfatizada como parte do processo de desenvolvimento mental, espiritual e ético, ou seja, santificação; e 9) um profundo senso de que a “Igreja remanescente”, o adventismo do sétimo dia, tem uma tarefa especial a desempenhar no mundo, em cumprimento à visão profética dos três anjos de Apocalipse 14.

Essas doutrinas distintivas, ou “verdade presente”, não foram destacadas como pérolas em um rosário, mas receberam coletivamente força teológica através do poder modelador de quatro perspectivas:

1. Um compromisso sincero com o princípio protestante de “*Sola Scriptura*”. Dessa forma há uma forte convicção a respeito da primazia da autoridade escriturística em todas as considerações éticas e teológicas.

2. Sob a rubrica da primazia escriturística, as porções apocalípticas do cânon bíblico (especialmente Daniel, o discurso de Jesus no Monte das Oliveiras² e o Apocalipse) receberam um lugar privilegiado na formação da teologia adventista.

3. O tema do “grande conflito”. Essa narrativa traça a origem do pecado, a reação de Deus à guerra no Céu, e como o pecado espalhou-se através do mundo, com a queda de Adão e Eva. O relato do grande conflito também esboça as iniciativas redentoras que Deus tomou tendo em vista a salvação da humanidade e a restauração da harmonia no Universo.

4. As figuras do santuário (extraídas dos livros de Daniel e Apocalipse, do discurso no Monte das Oliveiras e do livro aos hebreus) e o juízo investigativo pré-advento, que ajudaram a desenvolver uma “teodicéia” cósmica que forma o antecedente para o grande conflito entre Cristo e Satanás, e seu grande final.

As perspectivas do santuário e do grande conflito tornam-se chaves autoconscientes que ajudam a unir os pilares ou marcos da “verdade presente” com as “verdades eternas”⁴ da herança doutrinária cristã mais ampla.

A aceitação das “verdades eternas” refletiu uma conscientização crescente da importância das doutrinas-chave legadas ao cristianismo ocidental pelas decisões e pela profissão de fé dos primeiros quatro concílios e a herança posterior dos reformadores protestantes de 1517 a 1580. As doutrinas mais importantes, restauradas pelo adventismo, dessa herança da ortodoxia cristã latina e oriental, foram as seguintes:

1. A Trindade, com um realce especial à completa deidade e humanidade de Jesus Cristo.

2. A essência da ênfase dada por Agostinho de Hipona sobre a depravação humana.

3. O otimismo ortodoxo oriental da transformação pela graça.

4. A ênfase latina sobre as metáforas legais da salvação.

Além disso, as “verdades eternas” foram ampliadas pela herança protestante recebida pelo adventismo, conforme segue:

1. Os grandes “*solas*” de Lutero e Calvino (*Sola Fide*, *Sola Scriptura*, *Sola Gratia*) e o sacerdócio de todos os crentes.

2. A ênfase dada por Armínio sobre o livre-arbítrio.

3. A ênfase do protestantismo sobre a depravação humana total, as metáforas legais da salvação e sobre o otimismo da graça.

4. O reavivamentismo americano e inglês, com suas responsabilidades missionárias.

5. O “restauracionismo” americano, com seu biblicismo radical, individualismo otimista e racionalismo “santificado”.

**Sem o amor
revelado na cruz,
nosso ensino,
pregação,
fé e prática são
desprovidos
de qualquer
sentido**

CRISTO NO CENTRO

O efeito de tudo o que foi dito até aqui foi o surgimento de uma consciência a respeito da centralidade da pessoa de Cristo: Sua vida, morte, ressurreição, ascensão e entronização como nosso advogado intercessor no santuário celestial.

Enquanto os pioneiros adventistas do sétimo dia se revelavam pesquisadores direcionados à verdade, buscando uma clareza doutrinária baseada na Bíblia, eles vieram a compreender, gradualmente, que a exaltação não apenas dos ensinamentos, mas tam-

bém da pessoa e obra de Cristo deveria servir como um elemento catalisador para uma experiência mais profunda nas coisas de Deus. E essa perspectiva cristocêntrica mais profunda geraria um reavivamento que se provaria mais amoroso, gracioso, atraente e mais efetivo em seu trabalho e testemunho diante do mundo.

Nesse contexto, Tiago e Ellen White desenvolveram uma conscientização da aridez espiritual verificada entre os santos que carregavam a verdade do adventismo remanescente. Essa compreensão os levou à emocionante convicção de que Cristo, a cruz e o amor de Deus necessitavam entrar não somente no desenvolvimento doutrinário adventista, mas individualmente em seu coração, alma e crescimento espiritual.

Podemos dizer que tudo isso também inspirou Ellen White em suas mais profundas e emocionantes descrições do amor de Deus. Além disso, tais descrições sempre foram acompanhadas de zelosos e enternecidos apelos ao povo de Deus, para a aceitação desse “amor divino” tal como foi manifestado na missão salvífica de Jesus Cristo e na atuação redentora do Espírito Santo.

Doutrinariamente falando, o amor divino foi pungentemente descrito como uma revelação da justiça e misericórdia divinas, que residem no próprio coração da natureza de Deus. Tal amor também foi expresso em outros atos propositadamente interativos e teologicamente práticos: lei e graça, justificação e santificação, misericórdia ilimitada e julgamento inevitável.

Essa exposição crucial, culminante, do amor de Deus, especialmente no cenário da morte expiatória de Cristo no Calvário, a restauração da doutrina da Trindade no cenário do tema do “grande conflito” e o ministério de Cristo no santuário celestial são reunidos no livro *O Desejado de Todas as Nações*, principalmente nas páginas 761-763.

Foi no contexto do ministério de Ellen White, de 1888-1901, que o adventismo do sétimo dia realmente abraçou a tarefa de integrar sua herança “adventista” ou “verdade presente” com sua herança “ortodoxa” maior e herança protestante. O fruto desse esforço integrado foi manifesto na ação de tornar a proclamação das mensagens angélicas mais centralizada em Cristo e na cruz. E esse esforço resultou no enaltecimento do maior tema

entre todos os temas – o amor trinitário de Deus pelos alienados, depravados e indignos pecadores.

Ellen White esteve na vanguarda de todo reavivamento teológico e misiológico do adventismo do sétimo dia. Sem a sua contribuição, os adventistas poderiam facilmente desviar-se e se tornar uma seita semicristã. Sua ênfase forte e determinada para que buscássemos a verdade somente na Palavra foi determinante para nossa formação doutrinária.

MISERICÓRDIA E JUSTIÇA

O fundamento bíblico por trás dessas iniciativas de vanguarda inclui não simplesmente a reunião de todos os textos-chave sobre qualquer assunto teológico específico, mas também a interpretação cuidadosa desses textos na ampla moldura do tema “grande

conflito”. Contudo, a narrativa do grande conflito não deve ser primariamente sobre Lúcifer e sua rebelião, a queda e a final restauração de paz e justiça no Universo. Na verdade, a peça central em torno da qual gira toda essa narrativa é a natureza ou o caráter do amor de Deus, especialmente como ele é manifestado na vida, nos ensinamentos, morte, ressurreição e intercessão de Jesus no santuário celestial.

No contexto da história de amor da pessoa e obra de Cristo, as principais contribuições teológicas e perspectivas de Ellen White entram em ação. E essa poderosa descrição do imenso amor de Deus iluminará profundamente cada doutrina com um significado atraente e frutífero. Para Ellen White, o amor de Deus foi compreensivelmente expressado na cruz e tinha

como seu componente-chave a revelação de um maravilhoso equilíbrio entre justiça e misericórdia.

Muito certamente, o grande “cartão de visita” do amor de Deus é Sua permanente misericórdia. No entanto, é muito fácil degenerar a misericórdia em nebulosa indulgência. Portanto, o amor deve ser, em última instância, condicionado pela justiça. Por outro lado, a justiça também pode facilmente degenerar-se em vingança fria ou imparcialidade calculada. Mas, na cruz, e em seu subsequente desenvolvimento redentor, o amor de Deus tem sido constantemente revelado como um maravilhoso equilíbrio de justiça e misericórdia, resultando na plena solução do problema do pecado. E, além desse amor redentor, somos confrontados com o gênio das contribuições trinitarianas à peregrinação teológica adventista.

MONTANHAS ÁRIDAS

Alguns dentre os pioneiros tinham se tornado defensores intransigentes da lei (moral e física, isto é, reforma de saúde) e ousados proclamadores do julgamento. O sábado deveria ser observado, não tanto experimentado. O milênio era abordado mais do ponto de vista da recompensa do demônio do que sobre as claras visões das estratégias e decisões redentoras de Deus.

Ellen White disse que nós tínhamos pregado “a lei de tal modo que nos tornamos tão secos como os montes de Gilboa, que não recebiam orvalho nem chuva”.⁶

Essa mera ênfase na justiça originou uma pregação que consistia principalmente de “discursos teóricos”, tipicamente formulados num estilo de debate. O mais trágico de tudo é que isso era feito em detrimento de qualquer ênfase sobre “bondade prática” centralizada em Cristo.^{7 e 8}

Na verdade, não era que a Sra. White quisesse desconsiderar os aspectos teóricos e doutrinários da verdade, ou negligenciar a justiça de Deus; o que havia era nada menos que uma falta de graça doutrinária que pudesse inundar as doutrinas essenciais com o lado misericordioso do “amor divino”.

Sentindo essa necessidade, por ocasião da assembléia da Associação Geral, em 1883, Ellen G. White apresentou uma forte mensagem sobre graça. Esse foi o período que culminou



com o grande reavivamento da “justificação pela fé” e uma clara acentuação da primazia da justificação pela graça unicamente mediante a fé. A morte expiatória de Cristo como um misericordioso sacrifício pelos pecadores do mundo tornou-se a nota tônica do seu ministério escrito e falado. Es-

pecialmente em consequência da assembléia de Mineápolis, em 1888, ela exaltou a Cristo crucificado como o grande conduto do amor de Deus por um mundo condenado.

Ademais, esse período não apenas destacou a exaltação de Cristo e Sua misericórdia, justificando por graça,

mas também testemunhou algo como um avanço na restauração de doutrinas-chave tais como a plena deidade de Cristo e a personalidade do Espírito Santo. Em outras palavras, o fermento trinitariano estava sendo instilado no adventismo.

É interessante notar que, quando o adventismo começou a proclamar sua “verdade presente” à luz do amor trinitário fluído do Calvário e o ministério celestial de Cristo, um elemento novo foi introduzido no mundo. Aquelas doutrinas, que primariamente tinham sido vistas como transmissoras de justiça, passaram a ser vistas agora como também misturadas com misericórdia. Não surpreende que uma nova nota de confiança foi realçada na proclamação da abençoada esperança.

“Anseio por Cristo”

Antes de 1883, Ellen White tinha muito pouco a dizer, no sentido de ênfase teológica, a respeito da justificação pela fé. Embora sua concepção sobre justificação fosse a de que tal experiência significasse “absolvição” e “perdão”, não foi até 1880 que começou a surgir uma focalização mais aguçada, digamos assim, uma compreensão mais “luterana” de justificação “somente pela fé”.

De fato, a primeira mostra dessa ligação apareceu em Signs of the Times de 31/05/1883, provavelmente em virtude de suas pesquisas para o quarto volume de The Spirit of Prophecy (1884), que se tornou o precursor de O Conflito dos Séculos, em 1888. Esse trabalho dividiu espaço considerável com Lutero e a Reforma, em sua histórica e providencial interpretação dos assuntos sobre o grande conflito entre Cristo e Satanás.

Mas, além disso, três outras tendências cruciais na experiência do casal White devem ser notadas:

1. *Durante aqueles anos, Ellen White tivera algumas confrontações com os defensores da idéia “crer, somente crer”, os quais acusavam os adventistas de ensinarem salvação pela obediência da Lei. Talvez a mais notável desses experiências ocorreu durante uma viagem para o Oregon, na qual ela foi desafiada por um tal Pastor Brown. Ele disse que “a Sra. White é toda lei, lei; ela crê que nós devemos ser salvos pela Lei, o que é impossível a qualquer pessoa. Agora, eu creio em Cristo. Ele é meu Salvador”.*

Enquanto ela respondia que tal afirmação era uma falsa representação de sua posição sobre o assunto, o desafio contribuiu para avivar a sua compreensão e expressão do que realmente significa “crer”.

2. *Ellen White também parecia sentir que havia um involuntário legalismo se arrastando entre as fileiras do adventismo. Estava inquieta no sentido de que a preocupação com a observância da Lei estivesse obscurecendo a segurança da aceitação, em muitos casos. Talvez, a mais importante expressão dessa preocupação foi vista na assembléia da Associação Geral, em 1883, realizada em Battle Creek. Eu até diria que, para Ellen White, essa assembléia foi uma “Mineápolis teológica”, cinco anos antes da histórica assembléia de 1888.*

3. *No início de 1881, Tiago White começava a analisar a perigosa direção que a igreja parecia estar inconscientemente tomando. Na Review and Herald, 08/02/1881, ele escreveu sobre seu “inexprimível anseio da alma por Cristo”, instou aos pastores que “pregassem a Cristo” e partilhou seu propósito de mudar o foco da mensagem: “Sentimos que temos um testemunho a dar a nosso povo, para este tempo, relacionado ao exaltado caráter de Cristo, e Sua disposição e poder para salvar.” O impacto sobre Ellen White foi visível. Falando a estudantes da Escola Bíblica da Associação Geral, no início de 1890, em Battle Creek, ela renovou os votos tomados diante do leito de morte do seu esposo, no sentido de apoiá-lo “acrescentando um elemento ao seu trabalho, que ainda não fizemos”. Esse “elemento” era a justificação pela fé.*

MOLDURA CRISTOCÊNTRICA

O resumo desta matéria é o seguinte:

Como herdeiros desse rico legado, os adventistas devem acentuar cada doutrina, cada prática, cada padrão e cada demanda ética à luz da impressionante narrativa do amor triúno, tal como revelado na cruz de Cristo, e na salvação somente pela fé nos méritos e na graça de Jesus.

Se qualquer doutrina, prática e requerimento moral não podem ser inspirados pelo amor trinitariano de Deus, ou inspirá-lo na vida do crente, esse requerimento, doutrina ou prática deveriam ser reconsiderados. Se o amor revelado na cruz e apropriado através da salvação unicamente pela fé não estiver em nossa pregação, nosso ensino ou prática, tais esforços não são dignos de nosso tempo e nossas energias. ✪

Referências:

¹ George Knight, *A Search for Identity* (Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 2000), pág. 10.

² Relatado pelos escritores sinóticos em Mateus 24 e 25, Lucas 17 e 21, e Marcos 13.

³ A expressão “teodicéia” é o termo técnico que faz referência a qualquer tentativa para dar alguma explicação teológica satisfatória para o problema do mal.

⁴ A expressão “verdades eternas” foi cunhada pelos adventistas do sétimo dia, por Leroy Edwin Froom, para descrever a distinção doutrinária adventista da mais ampla tradição cristã ou a “grande tradição” da teologia cristã do século 20.

⁵ Para melhor informação do leitor, alertamos que estamos usando o termo “ortodoxo” em referência às igrejas de tradição latina, católica romana ocidental e oriental, e católica grega. As últimas são normalmente mencionadas como a família “ortodoxa” de igrejas lideradas pelo patriarca de Constantinopla. (Istambul, Turquia).

⁶ Essa expressão refere-se aos passos de reconciliação com Deus e a uma vida de testemunho e serviço.

^{7/8} Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos*, págs. 158 e 159.

PASTOR DE ÊXITO



Dennis Smith

Pastor na Associação
Nova Inglaterra
do Sul, Estados Unidos

**Deus tem
um propósito
para cada
um de nós.
Somos
pastores
de sucesso
quando
cumprimos
esse
propósito**

Qual é a nossa concepção de sucesso pastoral? Geralmente avaliamos o sucesso de um pastor pelos mesmos padrões usados no âmbito secular. Aí o sucesso é medido em termos de produção mais alta, operações mais amplas, lucros maiores, organizações mais imponentes e aumento de pessoal. Maiores, melhores e mais altas posições são contadas como marcas de uma pessoa de êxito.

Após 25 anos servindo a Igreja como pastor, posso identificar uma filosofia similar, segundo a qual tendemos, quase inconscientemente, a definir o sucesso no pastorado. Tal filosofia tem encorajado muitos de nós a crer que aumento de produção (mais batismos), maiores operações (mais edifícios e modernas instalações), mais instituições e mais extenso número de pessoal, ou tornar-se alguém um executivo, são critérios para definimos o sucesso pastoral.

Alguns encontros pastorais nos oferecem definições de êxito, e como ele pode ser alcançado. E voltamos para casa sentindo-nos quase esmagados e até um pouco derrotados, às vezes. Afinal, foi demonstrado o que é sucesso. Se, depois de alguns anos, minha igreja não consegue ser uma superigreja, com muitos membros, então, eu devo ter alguma parcela de culpa. E sofro, pensando: "Não sou tão íntimo de Deus. Deve haver algo errado entre mim e Ele ou simplesmente algo errado comigo e ponto final."

OUTRA VISÃO

O livro de Atos mostra que certos indivíduos foram escolhidos para ser usados de modo mais expressivo do que outros. Pedro e João são mencionados com freqüência, mas outros discípulos não o são. Porém, estou certo de que eles serviram ao Senhor fielmente, tanto quanto os apóstolos mais famosos.

O fato de alguns discípulos não serem mencionados como usados por Deus de modo deslumbrante não significa que eles tiveram menos êxito no que realizaram, ou dentro da esfera para a qual Deus os chamou. Dentro do Seu plano, Deus tinha um propósito para cada discípulo, tendo em vista o avanço do evangelho. E à medida que eles cumpriam esse plano, ministravam com êxito para o Senhor.

Aparentemente, Pedro, João e Paulo faziam mais do que os outros discípulos. Pedro viu três mil pessoas aceitando a Cristo como resultado do seu sermão. Não lemos a respeito de Tiago sendo protagonista de tal façanha. Contudo, lemos a seu respeito mediando uma reunião muitíssimo importante para tratar de uma questão que poderia ter dividido a igreja (Atos 15).

Quando consideramos o trabalho de Paulo, parece que ele levou mais pessoas a Cristo do que qualquer outro apóstolo. Ele pregou o evangelho para todo o mundo conhecido de então, fundou igrejas em muitos países. Quer isso dizer que ele tinha mais sucesso do que os outros? Não. Ele apenas cumpriu o ministério para o qual Deus o chamou. Assim foi com os sete diáconos. Filipe foi chamado para ser um evangelista (Atos 8). Estevão tornou-se um maravilhoso expositor da Palavra. Deus realizou "pro-

dígitos e grandes sinais entre o povo”, através dele (Atos 6:8). Não vemos de tão maravilhoso trabalho sendo feito pelos outros cinco diáconos.

Significa isso que Estevão e Filipe tinham mais sucesso do que os demais? Não podemos chegar a essa conclusão. Cada diácono foi chamado para um ministério específico, e, enquanto cumpriam o propósito para o qual Deus os chamou, tinham sucesso.

O mais importante é que o pastor seja submisso ao Espírito Santo, servindo fielmente em qualquer lugar

O CORPO

Em I Coríntios 12, Paulo usa a analogia do corpo humano para descrever as várias funções dos membros da igreja. Cada parte do corpo humano tem uma função. Algumas funcionam de modo mais visível que outras. Alguns membros são considerados menos importantes do que outros. Mas o fato é que cada membro e órgão têm uma função quer seja visto ou não; seja ele considerado importante ou não. Quando observamos o corpo humano, é fácil avaliar a função de uma parte específica e determinar se ela está funcionando a contento.

No corpo espiritual de Cristo (a igreja), é mais difícil fazer tal avaliação, pois isso depende do nosso critério de sucesso. Suponhamos que, para nós, sucesso significa que um pastor batiza 200 pessoas cada ano, faz a igreja crescer 100%, os dízimos aumentarem 100% e surgir uma nova congregação cada três anos. Mas se nada disso acontecer, o pastor será tido como fracassado aos nossos olhos, e provavelmente aos olhos dele também.

O que dizer então se Deus não chama cada pastor para cumprir exatamente o mesmo tipo de ministério de outro pastor? O que dizer se Ele chama uns para serem Pedro; outro, João; outro, Tiago; outro, Paulo; e outro um Bartolomeu? A questão é clara. Creio que Deus dá a cada um de nós uma missão específica. E o Novo Testamento ilustra isso, através dos ministérios exercidos pelos vários indivíduos

mencionados. À medida que o pastor busca conhecer o chamado de Deus para ele, o tempo e as circunstâncias o ajudam a saber qual é a sua missão específica. Os resultados variam. O mais importante é que o pastor conserve suas mãos na mão de Deus, busque ser cheio do Espírito Santo, submisso à direção do Espírito, fazendo o seu melhor para servir a Deus fielmente em qualquer lugar.

ILUSTRAÇÃO DE SUCESSO

Em seu livro, *They Found the Secret* [Eles Encontraram o Segredo], págs. 26-30, V. Raymond Edman apresenta um breve esboço da vida de homens e mulheres dos dois últimos séculos, e sua experiência de busca pela missão de Deus para a vida deles. Um homem, Samuel Logan Brengle, ilustra claramente a premissa deste artigo. Ele aceitou a Cristo, durante a juventude, e se tornou um pregador itinerante na Associação Metodista Indiana do Noroeste, nos Estados Unidos. Depois de dois anos, ele frequentou um seminário em Boston.

“A ambição de Brengle era ser um grande pregador; e ele buscou o poder do Espírito Santo para isso. Raciocinou que um grande pregador deveria fazer mais para a glória de Deus que um medíocre.

“Finalmente, em desespero de alma, ele orou: ‘Senhor, quero ser um pregador eloquente, mas se eu puder melhor glorificar-Te pela gagueira, do que pela eloquência, então torna-me um gago.’” À medida que Brengle buscava uma experiência mais íntima com Deus, compreendia mais plenamente a graça de Cristo. Sob a direção divina, ele experimentou o derramamento do Espírito Santo em sua vida.

Mas a euforia inicial daquela experiência passou. E Brengle escreveu: “Deus retirou alguma coisa dos meus sentimentos emocionais. Ele me ensinou que eu tinha de viver pela fé e não pelas emoções. ... Mostrou-me que eu deveria aprender a confiar nEle, em Seu infalível amor e dedicação, independentemente do que eu sinta.”

Edman descreve a experiência de Brengle: “E o que resultou da continuação dessa experiência de plenitude do Espírito de Deus? A pregação de Brengle mudou perceptivelmente. Antes, ele pregava para apreciação humana; agora, o fazia unicamente para a exaltação do Salvador. Pregava para incomodar, não para agradar. A reação

dos ouvintes era a convicção do pecado em lugar de elogios ao pregador.”

Deus conduziu Brengle numa direção absolutamente diferente no ministério: “A libertação do orgulho e ambição por promoção eclesiástica o levou a um desconhecido caminho de serviço. Da expressividade e segurança do metodismo ele foi chamado à obscuridade do Exército da Salvação quando essa organização era desconhecida e pouco considerada.” Aos olhos humanos, tal mudança poderia ser considerada uma “queda” de status.

Tendo subjugado o orgulho de Brengle, Deus o levou a realizar tarefas em lugares nada comparáveis ao que poderia ter feito se tivesse permanecido em lugares convencionais. Deus abençoou muito o ministério de Brengle no Exército da Salvação. Alguém pode concluir que seu pastorado foi um fracasso, comparado a alguns dos seus colegas que foram pastores de grandes congregações e foram promovidos a funções administrativas em suas respectivas denominações. Mas, à vista de Deus, Brengle foi um sucesso. Ele cumpriu o propósito para o qual Deus o chamou.

O MINISTÉRIO HOJE

Sim, Deus chamou alguns a desempenhar o que geralmente consideramos um “ministério de êxito”. Por outro lado, também chamou outros para desenvolver um “ministério menos exitoso”, segundo a perspectiva humana. Se isso é verdade, então pastores de “muito êxito” e pastores que conseguem “menos sucesso” podem ser “igualmente destacados”, de acordo com os critérios de Deus. Mas nada disso justifica a inércia. Acredito que o critério de sucesso no âmbito pessoal é simples. Devemos manter uma vida significativa de estudo e oração, renovação diária de nosso compromisso com Cristo. Devemos buscar o batismo do Espírito Santo todos os dias, com disposição para nos submeter, inteiramente, à Sua direção.

Nosso alvo deve ser buscar uma experiência como a de Paulo: “Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a Si mesmo Se entregou por mim” (Gál. 2:19 e 20). Então, independente do julgamento humano, seremos um sucesso, segundo os padrões de Deus. Desejaremos cumprir a missão que Ele nos confiou. ☪

O ANJO DE JEOVÁ



Carlos Elias Mora

Professor de Antigo Testamento no Seminário Teológico da Universidade Adventista do Chile

A identificação de um personagem indispensável no relacionamento entre Deus e Seu povo

A referência ao “anjo de Jeová” no Antigo Testamento não é casual nem passageira. As 86 vezes¹ em que Ele aparece, em 27 ocasiões distintas,² mostram a Sua importância crucial no relato bíblico. Esse mensageiro divino possui uma natureza singular, uma obra ampla, e desempenha um importante papel no plano da salvação.

A primeira vez em que o “anjo de Jeová” aparece nas Escrituras é em Gênesis 16, quando Hagar, fugindo de Sara, encontra-se com o mensageiro celestial no deserto. E o anjo disse, referindo-Se ao Senhor na terceira pessoa: “porque o Senhor te acudiu na tua aflição” (Gên. 16:11), ao que Hagar respondeu: “Tu és Deus que vê” (v. 13). Segundo essas afirmações, o anjo de Jeová tem uma identidade ligada à Divindade.

Foi o anjo de Jeová que impediu Abraão de sacrificar Isaque, declarando ao patriarca: “... agora sei que temes a Deus, porquanto não Me negaste o filho, o teu único filho” (Gên. 22:12). Aqui Ele toma o lugar da Divindade, para depois assumir uma identidade distinta (v. 16).

No sonho de Jacó, o “anjo do Senhor” apresentou-Se como “o Deus de Betel, onde... Me fizeste um voto” (Gên. 31:13). Alude à experiência da fuga de Jacó, anos atrás, na qual Deus apresentou-Se como “o Senhor, Deus de Abraão, teu pai, e Deus de Isaque” (Gên. 28:13).

Na experiência da angústia de Jacó, em sua luta contra um homem, durante toda a noite, o enviado celestial declarou: “... pois como príncipe lutaste com Deus e com os homens e prevaleceste” (Gên. 32:28). E Jacó deu àquele lugar o nome de Peniel, acrescentando: “... vi a Deus face a face, e a minha vida foi salva” (v. 30). Nesse texto não é dito que o homem seja o “anjo do Senhor”, mas Oséias 12:3 e 4 o identifica com o anjo. E o final do verso 4 assinala: “... e ali falou Deus conosco.” Um detalhe interessante em Gênesis 32 é a pergunta que o patriarca faz ao anjo: “Dize, rogo-Te, como Te chamas?”, ao que o homem responde: “Por que perguntas pelo Meu nome?” (v. 29) Tais questionamento e resposta são muito semelhantes aos da experiência de Manóá com o anjo do Senhor.

Quando Jacó abençoou os filhos de José, fez uma tríplice³ menção de seu Deus e, em uma delas, referiu-se ao anjo divino. Notemos os três elementos naquela bênção (Gên. 48:15 e 16): “O Deus em cuja presença andaram meus pais Abraão e Isaque, o Deus que me sustentou durante a minha vida até este dia, o Anjo que me tem livrado de todo mal...” Esse paralelismo⁴ coloca o “anjo” na mesma condição de Deus. Alguém poderia sugerir que não se trata do anjo do Senhor, mas apenas um título dado a Ele. À luz da Bíblia, no entanto, esse é um texto significativo.

DISTINÇÃO E IGUALDADE

Êxodo 3 é uma passagem clara na apresentação da diferença de personalidade de Jeová e Seu anjo, e que também revela uma íntima unidade entre ambos. O segundo verso menciona que foi “o anjo do Senhor” quem apareceu a Moisés na sarça ar-

dente. Mas, quando Moisés se aproxima para observar a sarça que não se queimava, é dito: “Vendo o Senhor que ele se voltava para ver...” (v. 4). E depois: “Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó. Moisés escondeu o rosto, porque temeu olhar para Deus” (v. 6). Aqui observamos a idéia de que o anjo do Senhor é um Ser diferente e ao mesmo tempo é Deus. Ele convida Moisés a descalçar as sandálias em Sua presença,⁵ porque aquele lugar era terra santa (v. 5). Só o Criador é digno de adoração e reverência.

A Bíblia apresenta o anjo do Senhor como uma pessoa distinta de Deus. Não é apenas de um título divino. Em Êxodo 23:20-23, Deus fala na primeira pessoa e Se refere ao anjo na terceira pessoa. Ele promete a Israel que enviará Seu anjo diante dele em sua peregrinação pelo deserto. Fala dEle como “Meu anjo” e o faz também na terceira pessoa do singular: “diante dEle”; “ouve a Sua voz”; Ele “não perdoará” (v. 21). A mesma promessa é repetida em Êxodo 32:34 e 33:2. Números 20:16 assinala que Deus enviou “um anjo” para Seu povo do Egito. Juízes 2:1 atribui essa obra ao anjo do Senhor.

Na travessia do Mar Vermelho (Êxo. 14:19 e 20), o anjo do Senhor estava na nuvem que guiava o povo. Isso é surpreendente à luz de Êxodo 13:21 que reconhece que “O Senhor ia adiante deles, durante o dia, numa coluna de nuvem, para os guiar pelo caminho; durante a noite, numa coluna de fogo, para os alumiar”. Novamente, esse anjo é identificado com o próprio Deus.

A experiência de Balaão, quando se dirigia a Moabe, menciona o anjo do Senhor em relação com o próprio Deus (Núm. 22:22-35). Foi ele quem parou diante do profeta e seu animal; porém, foi Deus quem interferiu para abrir a boca da mula (v. 28) e os olhos do profeta (v. 31). Duas menções são feitas pelo anjo ao profeta: recrimina seu caminho “perverso diante de Mim” (v. 32), e ordena que vá, “mas somente aquilo que Eu te disser, isso falarás” (v. 35). Essas expressões são próprias de Deus (Êxo. 23:33; Ezeq. 3:10).

Em Boquim (Juí. 2:1-5), o anjo do Senhor fala com o povo hebreu posterior a Josué. Em Seu breve discurso, faz várias declarações facilmente ligadas a Deus: “Do Egito vos fiz subir” – uma declaração típica de Deus – e lembra o

início da proclamação dos Dez Mandamentos (Êxo. 20:1). “Eu disse: nunca invalidarei a Minha aliança convosco. Vós, porém, não fareis aliança com os moradores desta terra; antes, derrubareis os seus altares; contudo, não obedestes à Minha voz. Que é isso que fizestes?” Essa é uma advertência dada por Deus ao povo, através de Moisés (Deut. 7:2-5). “Pelo que também Eu disse: Não os expulsarei de diante de vós; antes vos serão por adversários, e os seus deuses vos serão laços” (Juí. 2:3). Essa é uma clara alusão à advertência que Moisés recebeu de Deus, conforme Números 33:50-56.

Dirigindo-se a Gedão, disse o anjo do Senhor: “O Senhor é contigo, homem valente” (Juí. 6:12), mas durante a conversação é o próprio Jeová quem fala (vs. 14-19), embora quem conclua a entrevista com Gedeão seja novamente o anjo (vs. 20-22). Gedeão usa duas vezes a expressão “Senhor meu”;⁶ uma dirigida ao anjo (v. 13) e outra a Deus (v. 15), denotando o uso alternado entre Deus e o anjo do Senhor, tão comum nas escrituras hebraicas. A oferta de Gedeão é oferecida diante do anjo que a consome pelo fogo. Há uma aceitação de oferta, adoração que somente o Deus verdadeiro deve receber.

Depois desse encontro tão singular, Gedeão declara: “Ai de mim, Se-

nhor Deus! Pois vi o Anjo do Senhor face a face” (v. 22). Mas Deus lhe promete que não morrerá. Aqui, Gedeão expressa uma clara consciência da solenidade que é ver o rosto divino (Êxo. 33:20).

No caso de Manoá e sua esposa, a declaração é direta: “Certamente, morreremos, porque vimos a Deus” (Juí. 13:22). Nesse capítulo, o anjo do Senhor é uma pessoa distinta de Deus (vs. 1-23). A tal ponto que o anjo diz a Manoá, quando este Lhe oferece pão e um cabrito: “ainda que me detenhas, não comerei de teu pão; e, se preparares holocausto, ao Senhor o oferecereis” (v. 16). Aqui o anjo e Deus são distintos. Ao mesmo tempo, há um desafio encoberto para o ancião, convidando-o a descobrir quem é Ele.⁷ O anjo repete o milagre feito diante de Gedeão, subindo sobre a chama da oferta, levando os dois anciãos a prostrarem-se em reverência diante dEle (v. 20). A esposa de Manoá reconhece que o anjo aceitou a oferta, o que confirma Sua divindade e o temor de terem visto a face de Deus (v. 23).

À pergunta sobre qual é o nome do Anjo, este responde: “Por que perguntas assim pelo Meu nome, que é maravilhoso?” (v. 18). O termo hebraico utilizado aqui é o mesmo título conferido ao menino-Messias em Isaías 9:6.



A ligação com Cristo, portanto, é muito evidente nessa passagem.

A experiência de Davi ao ver o castigo aplicado a Israel, por ter ele realizado o censo, novamente revela que o anjo do Senhor é um personagem diferente de Deus (II Sam. 24:16-18). É Deus quem impede a destruição feita pelo anjo (v. 16). O texto paralelo (I Crôn. 21:12-30) é mais detalhado. Registra que o anjo do Senhor envia o profeta Gade para dizer a Davi que levante um altar (v. 18) e Davi age conforme a ordem recebida “em nome do Senhor” (v. 19). Esse personagem fala com autoridade divina, não só porque é um mensageiro, mas também porque é divino.

Em Zacarias 1, o anjo do Senhor serve de mediador entre o profeta e quem explica as visões (Zac. 1:7-17).⁸ Nessa seção, o anjo é uma pessoa distinta de Jeová. Ele diz: “Ó Senhor dos exércitos, até quando não terás compaixão de Jerusalém e das cidades de Judá, contra as quais estás indignado faz já setenta anos? Respondeu o Senhor com palavras boas, palavras consoladoras, ao Anjo que falava comigo” (vs. 12 e 13).

Em outra visão de Zacarias, o anjo do Senhor está diante do sumo sacerdote Josué. Embora o próprio Deus repreenda Satanás – “O Senhor te repreende” (Zac. 3:2)⁹ – é relevante que Ele não diz “Eu te repreendo”. Esse é um detalhe semelhante ao relato da destruição de Sodoma, quando “fez o Senhor chover enxofre e fogo, da parte do Senhor” (Gên. 19:24). Aí aparecem duas pessoas no próprio Jeová.

Esses textos não deixam dúvidas quanto à natureza do “anjo do Senhor”. É Deus, mas, ao mesmo tempo, é uma pessoa distinta. O Antigo Testamento não tem uma declaração trinitária direta, mas a pessoa do anjo do Senhor sugere um Deus manifestado em pessoas distintas. A conexão com Cristo é notável. Malaquias liga o Senhor, “a quem vós buscais”, com “o Anjo da aliança, a quem vós desejais” (Mal. 3:1) A profecia é messiânica.

AS FUNÇÕES DO ANJO

A palavra “anjo” significa “mensageiro”. Isso sugere a principal função exercida pelo anjo do Senhor no Antigo Testamento. É o porta-voz divino, o meio pelo qual Deus Se revela e comunica com Seu povo, o que pode ser visto nas experiências anteriormente assinaladas. Contudo, Sua obra vai

além de simplesmente transmitir mensagens. E o texto bíblico mostra uma área de maior influência.

Consolo. Seu encontro com Hagar (Gên. 16:7), suas palavras ao angustiado Gedeão (Juí. 6:12), o fortalecimento e nutrição providenciados a Elias (I Reis 19:5-8) e o ânimo transmitido ao sumo sacerdote Josué (Zac. 3:2-8) apontam para o ministério de consolação exercido pelo anjo do Senhor.

Guia. Suas mensagens são para orientar os que as recebem (Gên. 16:9; 31:13; Êxo. 14:19 e 20; 23:23; 33:2; Juí. 13:3-5; Zac. 12:8).

Profecia. As mensagens dadas também possuem caráter profético. Foi assim quando anunciou o futuro de Ismael (Gên. 16:11 e 12) e o nascimento de Sansão (Juí. 13:3).

Avaliação. O anjo do Senhor emite juízos sobre o trabalho dos servos de Deus. Elogiou Abraão por sua fé (Gên. 22:12); animou a Jacó diante dos abusos de Labão (Gên. 31:12) e repreendeu Israel (Juí. 2:1-3).

Mais do que mensageiro, Ele é representante de Deus

Proteção. Uma função chave do anjo do Senhor é resguardar os filhos de Deus (Gên. 48:16; Êxo. 23:20; Sal. 34:7; Dan. 3:28;¹⁰ 6:22).

Salvação. Isaías percebe a obra do anjo do Senhor sobre Israel como redenção (Isa. 63:9). A experiência do sumo sacerdote Josué e a mudança de suas vestimentas elevam a salvação do anjo do Senhor a um plano espiritual mais alto (Zac. 3:1-8).

Comissionamento. Essa atitude é clara no chamado de Moisés (Êxo. 3); na advertência a Balaão (Núm. 22:35) e no trabalho designado a Gedeão (Juí. 6:14).

Disciplina. Um ser divino que ama Seu povo não deixa de repreendê-lo. Por isso o anjo do Senhor também é

um portador de repreensão para os filhos de Deus (Êxo. 23:21 e 22; Núm. 22:22-35; Juí. 5:23; II Sam. 24:16 e 17; I Crôn. 21:12-30; II Reis 1:3 e 4; 19; Isa. 37:36; II Crôn. 32:21; Sal. 35:4-6).

Como se vê, segundo os escritos hebreus, o anjo do Senhor desempenha um papel de representante e mensageiro de Deus. É um Ser independente do Senhor, mas, ao mesmo tempo é divino. Não restam dúvidas de que esse personagem é o próprio Cristo, que Se manifestava aos seres humanos antes da encarnação. Revela o papel permanente de Cristo como mediador entre Deus e o homem, e o agente designado pela Divindade para ocupar o lugar de Seu representante visível diante da humanidade. E mostra, de forma bastante destacada, o profundo interesse que Deus tem por Seus filhos. ❀

Referências:

- ¹ Aparece 54 vezes como “Anjo do Senhor”, 17 vezes como “o Anjo”, cinco vezes “anjo de Deus” três vezes “Meu Anjo” e “um Anjo”. Em duas ocasiões, “Seu Anjo”. Apenas uma vez, “Anjo de Sua face” e “Anjo da aliança”. Em várias ocasiões essas expressões aparecem livremente no mesmo relato.
- ² Algumas dessas ocasiões são relatadas mais de uma vez no Antigo Testamento: 1) No deserto (Êxo. 23:20-23; 32:34; 33:2); 2) no castigo sobre Jerusalém, por ocasião do censo (II Sam. 24:1 Crôn. 21); e 3) a matança dos assírios (II Reis 19:35; II Crôn. 32:21; Isa. 37:36).
- ³ Vê-se em outras passagens do Antigo Testamento uma tríplice menção ao nome divino, que não se pode afirmar ser um pano de fundo trinitariano evidente; mas são muito sugestivas. São elas a bênção sacerdotal (Núm. 6:24-26) e a visão do chamado de isaías (Isa. 6:1-5).
- ⁴ O paralelismo é a tendência da poesia hebraica de distribuir suas declarações em pares, onde a segunda e até a terceira frase ampliam a primeira; seja por repetição, contraste ou complementação.
- ⁵ A outra referência bíblica onde um personagem é solicitado a tirar os sapatos, por encontrar-se em terra santa é Josué 5:13-15. Embora o “Anjo do Senhor” não seja mencionado, a ligação é interessante. Trata-se de um Ser divino, porque Josué O adora e o reconhece como “Senhor” (v. 14). É chamado “príncipe do exército do Senhor” (vs. 14 e 15), ou seja, o líder das hostes celestiais.
- ⁶ A invocação “Senhor” tem um conteúdo divino determinante. É importante lembrar a experiência de Cristo com os fariseus (Mat. 22:21-46). Ele cita o Salmo 110:1, um salmo messiânico, e o emprega como argumento em favor de Sua divindade.
- ⁷ O mesmo tipo de pergunta sugestiva encontra-se em Mateus 19:17. Jesus confronta o jovem rico: “Por que Me chamas bom? Bom só existe um.” Em outras palavras, “Me chamas bom porque Me consideras Deus ou isso é apenas uma forma de falar?”
- ⁸ Na versão Rainha Valéria 60, o verso 11 é traduzido: “a aquele anjo do Senhor”, o que poderia sugerir que há outros “anjos” do Senhor. A mesma versão atualizada (1989) e a Bíblia das Américas traduzem corretamente “ao Anjo”.
- ⁹ Judas 9, comentando a disputa entre o Arcanjo Miguel e Satanás, pelo corpo de Moisés, assinala que Miguel fez a mesma repreensão: “O Senhor te repreenda.”
- ¹⁰ Foi o mesmo rei caldeu que declarou ter sido o Anjo de Deus que os livrara da fomalha ardente, e reconheceu o quarto personagem dentro dela como sendo “semelhante a um filho dos deuses” (Dan. 3:25). A ligação com Cristo outra vez é sugerida nesse relato.

LIDERANÇA EM TRÊS TEMPOS



Daniel Oscar Plenc

Professor de Teologia e diretor do Centro de Pesquisas White, na Universidade del Plata, Argentina

Ninguém é eterno nem insubstituível. E Deus nos ensina como preparar novos líderes

Moisés estava saindo da terceira idade. Sua vida fora dividida em três etapas de 40 anos e ele estava concluindo a terceira. À frente do povo de Israel, desenvolvera um ministério longo e difícil, embora abençoado e poderoso. Apesar de tudo, sentia que ainda havia muito por fazer e que a idéia do Senhor no sentido de que depusesse sua liderança, precisamente às portas de sua conquista mais significativa, não era razoável. Era preciso aclarar as coisas, e ele sabia como fazê-lo. Moisés conta a respeito de sua oração na margem oriental do rio Jordão e da resposta que recebeu:

“Também eu nesse tempo, implorei graça ao Senhor, dizendo: Ó Senhor, ó Deus! Passaste a mostrar ao Teu servo a Tua grandeza e a Tua poderosa mão; porque, que deus há nos céus ou na Terra, que possa fazer segundo as Tuas obras, segundo os Teus poderosos feitos? Rogo-Te que me deixes passar, para que eu veja esta boa terra que está além do Jordão, esta boa região montanhosa e o Líbano. Porém o Senhor indignou-Se muito contra mim por vossa causa, e não me ouviu; antes, me disse: Basta! Não Me fales mais nisto. Sobe ao cume de Pisga, levanta os olhos para o Ocidente, e para o Norte, e para o Sul, e para o Oriente, e contempla com os próprios olhos, porque não passarás este Jordão. Dá ordens a Josué, e anima-o e fortalece-o; porque ele passará adiante deste povo, e o fará possuir a terra que tu apenas verás” (Deut. 3:23-28).

Esse foi mais um diálogo maravilhoso entre Deus e Moisés, registrado no livro de Deuteronômio. A passagem nos apresenta Moisés orando, não por outras pessoas, como fizera constantemente naqueles últimos 40 anos, mas por si mesmo. Sente que Deus apenas iniciara Sua obra por seu intermédio, mas que ainda não a tinha concluído. E orou para que Seu ministério não terminasse até que pudesse ver o cumprimento das promessas relacionadas com a terra além do Jordão. Mas o Senhor já tinha falado o suficiente sobre o tema. Sem entrar em mais detalhes, dá-lhe a oportunidade de visualizar a terra prometida e lhe ordena preparar Josué em três aspectos. Devia instruí-lo, animá-lo e fortalecê-lo.

Aqui Deus está mostrando as prioridades do ministério pastoral no que tange à liderança local ou da nova geração de servos do Senhor. A proposta deste artigo está relacionada com essa tríplice tarefa dada por Deus a Moisés em favor de Josué. A reflexão concentra-se particularmente em Deuteronômio 3:28: “Dá ordens a Josué, e anima-o e fortalece-o; porque ele passará adiante deste povo e o fará possuir a terra que tu apenas verás.”

INSTRUÇÃO

A versão *Rainha Valéria*, de 1960, diz: “E manda a Josué, e anima-o e fortalece-o...” Porém, esse mandato estava relacionado com os mandamentos de Deus. Moisés deveria fazer o que sempre fizera em seu ministério profético, ou seja, compartilhar as revelações de Deus. As traduções ou revisões mais modernas captam melhor o propósito original da passagem. Por exemplo, a versão espanhola *Dios Habla Hoy* diz: “Dá instruções a Josué, anima-o e valoriza-o...” A *Nova Versão*

Internacional expressa da seguinte maneira: “Dá a Josué as devidas instruções; anima-o e fortalece-o, porque será ele quem tomará a frente desse povo e quem lhe dará em posseção a terra que verás.” E a *Rainha Valéria*, 95, traduz desta forma: “Instrui a Josué, anima-o e fortalece-o...”

A expressão “instrui”, aqui utilizada, é similar, no hebraico, ao termo que aparece em Provérbios 22:6: “Ensina a criança no caminho em que deve andar, e ainda quando for velho não se desviará dele”. Moisés compreendeu a necessidade de instruir e, evidentemente, esmerou-se em fazê-lo. A experiência vivida por 40 anos à frente do povo lhe ensinara que ser um coordenador ou um facilitador distante não era tudo. Sua tarefa não deveria limitar-se a procurar consensos, buscar opiniões ou a realizar pesquisas populares. Se tivesse feito isso, seguramente teria voltado com o povo ao Egito, em vez de encontrar-se agora nas fronteiras de Canaã. A instrução que deveria transmitir ao seu sucessor tinha que ver com as instruções de Deus. Os líderes eclesiásticos de hoje devem instruir e capacitar, mas com base na revelação de Deus.

ÂNIMO

O trabalho de Moisés e o nosso não se esgotam com a instrução. Existem aspectos que vão além do intelectual e têm que ver com as emoções e com os valores. A indicação de Deus falava da necessidade de partilhar ânimo. Isso porque muito do êxito das pessoas que trabalham conosco ou estão ao alcance de nossa influência está relacionado com o estado de ânimo, com a disposição de perseverar, de não se curvar diante das adversidades.

Aqui está uma tarefa que todos os pastores podem fazer: animar outras pessoas a avançar. Moisés necessitava transmitir ânimo a Josué, porque o Senhor que o estava chamando sabia que muitas coisas deixam de ser feitas, não por falta de capacidade, mas por falta de estímulo para realizá-las. É necessário entender que não alcançaremos o desenvolvimento de nossas habilidades e capacidades, se nosso esforço não estiver impulsionado por intenso ânimo.

É aqui que a mão no ombro, a palavra oportuna e o sorriso são mais valiosos do que a mera capacitação intelectual ou treinamento ministerial. É fácil esquecer o tempo que levamos para aprender o que agora sabemos, os erros cometidos, as vitórias que vieram depois de tantas tentativas e derrotas. Por isso, o líder deve transmitir ânimo àqueles que se encontram apenas no início do caminho.

FORTEALECIMENTO

Em geral, as versões bíblicas traduzem “fortalece-o”. Mas a *Dios Habla Hoy* diz: “valoriza-o”. Eis uma tarefa extremamente necessária a todo líder eclesiástico; não somente aos que desempenham funções executivas ou administrativas. Atualmente, é necessário valor para enfrentarmos os desafios e a complexidade do tempo. Alguns indivíduos começam com grandes sonhos, mas rendem-se e abandonam projetos devido a críticas, incompreensões e falta de apoio.

As tarefas que esperavam Josué não eram simples. Para realizá-las, era necessária muita valentia; e Deus reiterou, logo após a morte de Moisés: “Tão-somente sê forte e mui corajoso para teres o cuidado de fazer segundo toda a lei que Meu servo Moisés

te ordenou... Não to mandei Eu? Sê forte e corajoso; não temas nem te espantes, porque o Senhor, teu Deus, é contigo por onde quer que andares” (Jos. 1:7 e 9).

Nenhum pastor pode olvidar esta dimensão de sua responsabilidade: fortalecer, valorizar. O sucesso, o desenvolvimento futuro e a realização espiritual e pessoal muito dependem disso. A tarefa de Moisés a respeito de Josué tinha três faces: instruir, animar e fortalecer. É a mesma que devem desempenhar todos aqueles que se envolvem no dia-a-dia pastoral. Moisés necessitava fazer isso, porque só vislumbraria a terra à distância; não atravessaria o Jordão. Ele apenas sonharia com a terra, mas Josué iria adiante do povo. Nossa obra nunca parece estar concluída, porque sempre existe algo mais além; algo que outros terão de fazer e aos quais devemos preparar.

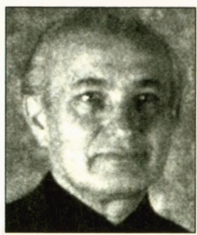
Não estaremos liderando eternamente os nossos irmãos, colegas mais jovens ou líderes de congregações locais. Muitos desses irmãos irão mais longe de onde poderemos chegar; viverão por mais tempo, empreenderão maiores realizações; tantos outros nos superarão e serão melhores do que temos sido presentemente. Sempre existe um “rio Jordão” que não poderemos atravessar; mas necessitamos instruir, animar e valorizar alguém que nos substituirá e o cruzará em nosso lugar.

Um reencontro de ex-alunos do Colégio Adventista del Plata, da turma de 1952, cinquenta anos depois, foi uma inspiração em muitos sentidos. Seu conselheiro, Dr. David H. Ruys esteve presente e falou novamente a seus antigos alunos; muitos deles pastores e obreiros jubilados. Mais de uma vez, ele mencionou que aquele grupo, do qual três participantes já tinham falecido, superara as expectativas dos professores. Isso sempre acontece.

Quem compartilha de nosso ministério, ou colabora conosco, poderá chegar a maiores alturas, espirituais ou missionárias, se cumprirmos a ordem de Deus a Moisés, diante da terra prometida: “Instrui a Josué, anima-o e valoriza-o”. Nem sempre podemos continuar à frente de uma igreja, instituição ou unidade administrativa e ver a realização de todos os projetos. O importante é que a obra continue, alguém atravesse o rio em nosso lugar e, no futuro, eles e nós ascendamos à Canaã celestial. ☀



QUANDO O AMOR DISCIPLINA



Miroslav Kis

Ph.D., professor de ética no Seminário Teológico da Universidade Andrews, Estados Unidos

As implicações da difícil tarefa de punir a transgressão de um clérigo e ao mesmo tempo salvá-lo

A tempestade está passando. O prejuízo está sendo avaliado e as duas famílias feridas estão agora dando os primeiros passos em direção à recuperação. Sobreviverão esses dois casais? Estão os culpados arrependidos? Estão dispostos ou serão capazes de renunciar ao desejo que sentem um pelo outro? Compreenderão que não se necessitam mutuamente; que a pior coisa que pode acontecer agora é uma recaída?

Em alguns casos, tais decisões são tomadas facilmente. Em outros, os movimentos são mais vagarosos e sofridos. Só a demonstração de amizade sincera e o aconselhamento especializado podem ajudar, porque as feridas devem ser bem examinadas e limpas, antes de iniciar-se o processo de cura.

Em tudo isso, porém, surge uma questão mais embaraçosa. E o trato com ela exige sabedoria quase sobre-humana. Eis a questão: Quais são as perspectivas profissionais do pastor que caiu? Deveria ele ser reintegrado ao ministério? Serão as feridas suficientemente curadas, de modo que as famílias ofendidas, a igreja local e a comunidade voltem a confiar plenamente nele?

Como podemos nós, seres humanos falíveis, discernir essas coisas? Podemos calçar os sapatos das vítimas? O que sabemos sobre os sentimentos de uma mulher, quando ela, como uma ovelha confiante, abre o coração ao seu pastor e ele se comporta como um mercenário, explorando-a em nome do amor e em proveito próprio? Por outro lado, podemos nós nos identificar com um pastor verdadeiramente arrependido que luta para reconquistar a confiança da família, da igreja e da comunidade, e a quem nada mais resta senão procurar outro trabalho? Não temos uma resposta satisfatória para essas questões. Mas precisamos decidir e agir. Se errarmos, que seja por misericórdia, priorizando as vítimas.

INÍCIO DA RESTAURAÇÃO

O aspecto mais doloroso no ministério da restauração é quando o amor precisa disciplinar. E há duas ocasiões em que isso acontece para o pastor errante. A primeira é quando sua igreja precisa discipliná-lo. A remoção do seu nome do rol de membros é algo para o que ele deve estar preparado. A mesma comissão que ele dirigiu, agora, deve confrontar o comportamento dele. Mas a remoção não deve se tornar um atestado de rejeição. A remoção de qualquer membro imediatamente o coloca sob cuidado intensivo da igreja. Um metódico, intencional e zeloso processo de cura deve ter início. Esse é o ensinamento de Jesus.

Não é o transgressor, mas seu pecado, que deve ser extirpado. Pode ser paradoxal, mas nosso Salvador deu atenção especial aos "pecadores", associando-se com eles, para levá-los a um padrão mais elevado de pureza moral.¹ O corpo de Cristo deve ser um canal de graça perdoadora e transformadora, ajudando o caído a vencer seu pecado. Ministrando ao pecador, a igreja cura suas próprias feridas. Seu alvo é salvar o perdido (Mat. 18:15), reconciliar as partes litigantes, de

modo que o abraço da fraternidade seja estendido a todos.

Mas há outro momento crítico, e esse é quando a queda do pastor é enfrentada no âmbito institucional. Essa é uma situação particularmente sofrida para sua organização empregadora e seus colegas. É um ponto agonizante. Somente um legalista insensível não sente a empatia que enche o coração quando se chega a esse ponto. O receio de estar sendo legalista e a angústia de ver um irmão ser afastado tornam-se quase insuportáveis. Se o tempo pudesse voltar apenas uns poucos meses; se soubéssemos antes o que sabemos agora, talvez tivéssemos feito algo para evitar o adultério e salvar nosso irmão.

Por que o amor tem esse lado mais difícil?² E que razões poderíamos achar para trazê-lo de volta algum dia?

Pensemos em Davi, sua queda, seu arrependimento e o perdão obtido.³ Davi obteve sabedoria do trato de Deus com ele, e submeteu-se humildemente à disciplina do Altíssimo. A fiel descrição de seu estado, pelo profeta Natan, o colocou frente a frente com seus pecados e o levou a confessá-los, humilhando-se diante do Senhor.⁴ Depois de ser confrontado por Natan, Davi pôde ver o que não foi capaz de entender antes, na cegueira de sua paixão.

Ele avalia quão caro é o adultério. Um caso sexual não pode subsistir por si mesmo; necessita de impulsores e panos de fundo providenciados por outros erros tais como duplicidade, injustiça, violência e arbitrariedade. Engaja espectadores inocentes como cúmplices (II Sam. 11:2-6, 14-17). Davi compreende agora que não há poder, dignidade, nem autoridade sobre a Terra que esse pecado não possa reduzir a pó. Entende que qualquer um pode se tornar escravo desse tipo de comportamento.

Essa experiência expõe a insensatez de Davi (Prov. 6:32) e sua honestidade, e também é uma forma de revelar sua coragem. Ele ouve em silêncio enquanto um dos seus servos o confronta diretamente. Olha no espelho e vê nitidamente o seu pecado. Enquanto Saul rasgou o manto de Samuel num esforço para disfarçar que estava tudo bem (I Sam. 15:24-31), Davi rasgou seu coração diante de Deus e do profeta, assumindo as conseqüências do seu ato (Sal. 51). E não foi removido do seu trono.

Talvez devêssemos também pensar em Moisés (Núm. 20:10-13) e Pedro⁵ (Mat. 26:69-75), que, a despeito de seus erros, foram mantidos em seus postos de trabalho. Permaneceram onde estavam, servindo como líderes espirituais, e os resultados de seu trabalho, depois de serem perdoados, testificam do poder da graça restauradora de Deus. “Apascenta os Meus cordeiros”, “Pastoreia as Minhas ovelhas”, “Apascenta as Minhas ovelhas” (João 21:15-17). Essas foram as palavras de que Pedro mais necessitava.

O adultério altera a identidade do pastor, de modo que ele deixa de ser quem era antes. Isso é trágico

Depois de tudo, a quem realmente interessa o afastamento de um pastor? Pode a igreja dar-se ao luxo de recusar seu talento e experiência? Adultério não é um pecado imperdoável; por que então não perdoar e virar a página?

CUIDADOS NECESSÁRIOS

Mas poderíamos nós usar o exemplo de Davi para defender a readmissão de um pastor errante? Acho que não. Deus parece estabelecer diferença entre um rei e um sacerdote ou profeta. Sua reação à usurpação dos deveres sacerdotais de Samuel por Saul indica Seu interesse em conservar essa distinção (I Sam. 15:22 e 23). As identidades de um rei e de um sacerdote não são intercambiáveis, de modo que a maneira de tratar o adultério de um rei não é um exemplo para o tratamento do adultério de um sacerdote.

Davi era um monarca investido de poder executivo (II Sam. 8:15). Mesmo com sua autoridade reduzida após o caso com Bate-Seba,⁶ ele ainda podia liderar, amparado nas prerrogativas

do seu ofício. Mas o pastor não tem esse tipo de poder. Ainda que cobice “poderes reais”,⁷ depara-se com o conselho de Jesus: “Não é assim entre vós” (Mat. 20:26). O poder do pastor é derivado de uma fonte diferente da que gera a liderança política. Assim, desprovido da hegemonia real, o pastor caído enfrenta um desafio à sua restauração, devido à perda de confiança em sua liderança.

Pecado é pecado, indistintamente, para todos os crentes. A única diferença é que Deus leva mais estritamente em conta um sacerdote do que um líder como Davi (Tia. 3:1).⁸ Por isso, dois sacerdotes, filhos de Eli, morreram (I Sam. 4:14-18), e sacerdotes adúlteros mencionados por Malaquias foram rejeitados (Mal. 2:14 e 14). Ellen White, escrevendo a um pastor que caiu em pecado, disse: “Sua culpa é maior que a de um pecador comum, porque sua vantagem em termos de luz e influência é maior.”⁹

Quando um leigo sucumbe à tentação do adultério, ele automaticamente quebra o concerto feito com Deus e com a esposa. Mas quando o pastor trilha esse mesmo caminho, ele nega essas mesmas alianças, além do concerto da ordenação para um sagrado ofício e o compromisso de responsabilidade pelo rebanho e pela comunidade onde vive. Decide calar as advertências de sua consciência cristã, mas também barateia seu chamado divino. Ao negar, dessa forma, sua identidade pastoral, é naturalmente levado ao afastamento do seu trabalho. Num sentido real, o pastor destitui-se. A Igreja apenas age com base na escolha que ele fez. O adultério alterou sua identidade e ele não é mais quem era antes. Isso é trágico.

Nos casos de Moisés e Pedro, a questão é a natureza dos pecados cometidos. Moisés tinha um grande problema com a ira (Êxo. 2:11-15; Núm. 20:9-11), e Pedro negou publicamente seu Mestre (Mat. 26:69-75). Na verdade, foram pecados graves mas não pecados de infidelidade sexual. Segundo o apóstolo Paulo, a infidelidade sexual é diferente de outro pecado, porque afeta a totalidade do ser. Nenhum outro pecado produz esse tipo de impacto e conseqüências (I Cor. 6:18).

A ira de Moisés e a negação de Pedro não afetaram outras pessoas, pelo menos não tão íntima e profundamen-

te como o ato sexual. Jesus disse que o adultério pode acontecer mesmo em nossa mente (Mat. 5:28). A obsessão pornográfica e os olhares lascivos são formas isoladas de adultério que ofendem a Deus, rebaixam-me e debilitam minhas resistências ao envolvimento sexual com outra mulher. Também inibem a unicidade em “uma só carne” com minha esposa.

No entanto, enquanto os pensamentos se limitam à privacidade mental, a outra mulher está segura. Apenas eu sou o perpetrador e a vítima de minha fantasia. Uma vez que eles envolvam outra pessoa que con-

Pastores que pecaram necessitam e podem experimentar o amor e a graça perdoadora de Deus

fia em mim por causa de minha liderança, meu compromisso e vocação pastorais, e eu tiro vantagem disso, meu pecado se torna particularmente destrutivo. Vulgariza a identidade do ministério cristão, deteriora minha auto-estima, a da outra mulher e a dos nossos familiares.

O exemplo de Pedro também não deve ser tomado como um padrão de tratamento a pastores que adulteraram. Sua experiência nos revela a chance de arrependimento, perdão e as bênçãos inestimáveis da compaixão divina e de uma comunidade perdoadora. Mas ele pecou abertamente, o que nem sempre é o caso do adúltero, que normalmente esconde seu pecado e só o admite quando ele é exposto. Nestes dias de frouxidão moral, é muito importante mantermos a visão do pecado sexual como algo sério, especialmente quando envolve um pastor e uma paroquiana. Quanto mais ampla a visibilidade do pastor, maior é sua responsabilidade. Isso deve ser levado em conta no tratamento do caso.

A VOZ DA EXPERIÊNCIA

Em minha opinião, o pastor que perde sua credencial por adultério será um ex-pastor pelo resto da vida. Digo isso respaldado no relato de ex-pastores que viveram a experiência e no pensamento de líderes e estudiosos do assunto.

A função pastoral não é um direito, mas um privilégio. A descoberta do adultério, o afastamento do trabalho e a provável recomendação a um tratamento para seus problemas sexuais despertam o pastor para o fato de que ele não é intocável. Nome, anos de trabalho, talentos e títulos acadêmicos não representam garantia de readmissão.

Alguém pode questionar a necessidade de tratamento, mas foi durante dois anos de terapia, longe da família, que um ex-pastor luterano entendeu claramente o problema: “Finalmente pude identificar o abuso sexual como algo que eu queria desculpar como ‘erros de julgamento’ ou ‘incompreensão de inocentes gestos de amor e atenção’. Fui forçado a examinar meus motivos, até que pude ver meu comportamento como cheio de atos deliberados de violência, motivados pelo egoísmo e o desejo de controlar todos os que tinham me ferido.”¹⁰

Chamado pastoral e função pastoral são coisas diferentes. Durante algum tempo, a vergonha e a culpa podem limitar o desejo de envolvimento na vida da igreja. Mas depois que o processo de cura tiver reavivado o senso de missão, nada deve impedir um ex-pastor de assistir e servir àqueles que necessitam de cuidados, mesmo que ele não esteja investido da função pastoral.

Poucos de nós apreciamos a extensão do crédito, confiança e autoridade que recebemos quando assumimos uma congregação. Infelizmente, é somente quando perdemos tudo isso que observamos a verdadeira dimensão da perda. Mas a confrontação, o julgamento, a confissão, o arrependimento, a terapia, a tensão conjugal e a perda do emprego, por mais excruciantes que sejam, são a única via pela qual chegamos à cura.

Um caso sexual é mais a “ponta de um iceberg de profundas questões de ira, solidão, pressões por desempenho e fome de poder que não foram resolvidas”.¹¹ No caso do adultério de um clérigo, nunca tratamos apenas com o ato em si, mas com as conseqüências e

causas. Há muita coisa por trás do ato, e não devemos deixar qualquer chance de recaída.

As questões interpessoais e emocionais do ex-pastor devem ser plenamente restauradas antes que ele seja engajado em qualquer tipo de serviço ajudador. “A isso deveriam ser adicionadas uma renovação da genuína espiritualidade, evidência irrefutável de um relacionamento conjugal crescente (se a esposa concorda em ficar com ele), a construção da reputação e de um sistema de apoio.”¹²

O *Guia Para Ministros*, da Igreja Adventista do Sétimo Dia distingue claramente o perdão do pecado e a readmissão no trabalho pastoral: “Embora a violação do sétimo mandamento torne os pastores inelegíveis para emprego no ministério pastoral, eles necessitam e podem experimentar o amor e a graça perdoadora de Deus. A Igreja deveria buscar restaurar e nutrir seus relacionamentos familiar e espiritual.”¹³

Na ocasião em que o pastor tem a sua credencial suspensa e é afastado do trabalho, não é sábio fazer qualquer insinuação sobre um suposto retorno a qualquer trabalho da Igreja. Há razões para isso:

1. Ninguém pode ter certeza de quanto dano foi ou será feito, nem quanto longa e completa será a recuperação.

2. Deus deseja que Seus líderes influenciem não pelo poder executivo, métodos inteligentes ou carisma impressivo, mas pelo exemplo “na palavra, no procedimento, no amor, na fé, na pureza” (I Tim. 4:12).

3. Nenhum outro motivo deve levar o ex-pastor a investir todo esforço em favor da recuperação e cura, senão o senso de justiça que requer restituição de danos, reparo de relacionamentos e reabilitação de reputações. Não raro, promessas e a ansiedade para virar a página criam pressões e encorajam uma impaciência que em nada estimula a jornada e o cuidado consciente, tão necessários ao tratamento das feridas e restauração de identidades prejudicadas.

LIÇÕES DA ÁRVORE

É importante prestarmos atenção às lições que nos são ensinadas pela árvore da ciência do bem e do mal. A primeira é sobre o pecado. Desde que entrou na história humana, o pecado sempre usou uma máscara de bondade

de, que esconde um chamariz demoníaco. Porém, continuamos sendo enganados por suas promessas a ponto de sentirmos que ele é parte natural do nosso ser, e continuamos agindo como se fosse normal pecar. E lhe damos não apenas um visto de permanência em nós e nosso comportamento, mas também cidadania. Não deveria ser assim. O pecado é um intruso, um parasita da vida. A pecaminosidade não é nossa verdadeira identidade, mas uma caricatura trágica da imagem de Deus em nós.

Em Sua morte, Cristo tomou o nosso pecado e o deixou na sepultura, na manhã da ressurreição. “Não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal, de maneira que obedeçais às suas paixões” (Rom. 6:12). Na verdade, o pecado nada pode oferecer. Nele não há paz quando repousamos, nem sabedoria quando precisamos de conselho, nem ânimo quando estamos desencorajados. O adultério não é solução para os problemas quando o casamento não responde às nossas necessidades.

Outra lição é sobre o demônio. Al-

gum tempo atrás li que o demônio tem 99 cobertores. Ele o tenta, você resiste, mas ele não o deixa, até convencê-lo de que cobrirá seu pecado tão hermeticamente que ninguém o descobrirá. Tudo ficará só entre ele (o pai da mentira) e você. E assim você cai. Depois volta para casa e encontra a esposa amorosa e carinhosa. Prega com o máximo de eloquência; tudo parece continuar como sempre. Sente que está coberto, mas sua resistência é mais fraca diante da próxima tentação. Depois de 40 cobertores, você sente o peso; mas, a esta altura, o hábito conquistou sua vontade. Depois de 80 ou 90 cobertores, você procura a tentação. Então acontece o 100º pecado.

Neste ponto, o demônio vem e diz que não apenas não tem mais cobertores, mas vai levar os seus porque necessita ir ao distrito vizinho “ajudar” seu colega. Em um instante, você se encontra descoberto, nu, sob holofotes, totalmente exposto diante de sua esposa, filhos, igreja, colegas e comunidade. Sem folha de figueira para cobri-lo; mas o Pai ordena: “Trazei depressa a

melhor roupa, vesti-o...” (Luc. 15:22).

Deus tem apenas o manto da Sua justiça, sob o qual pecado e hábitos pecaminosos são revelados e extirpados, por mais doloroso que seja o processo. Às vezes parece mesmo como uma amputação sem anestesia. Mas os benefícios são eternos. E aí está você. Sem direitos, sem perspectivas, somente por graça – no início do processo de cura, de volta ao lar. ☺

Referências:

- ¹ Marlin Jeshke, *Disciplining in the Church* (Scottsdale, Pa.: Herald Press, 1988), págs. 74-89.
- ² Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja*, vol. 5, pág. 683.
- ³ Tim LaHaye, *If Ministers Fall, Can They Be Restored?* (Grand Rapids: Zondervan, 1990), págs. 107, 116-118.
- ⁴ Ellen G. White, *Op. Cit.*, pág. 683.
- ⁵ Tim LaHaye, *Op. Cit.*, págs. 115 e 119.
- ⁶ Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, págs. 727-745.
- ⁷ _____, *Life Sketches* (Nampa: Idaho: Pacific Press, 1915), pág. 386.
- ⁸ Dr. Jimmy Draper, ditado por Tim LaHaye, *Op. Cit.*, pág. 128.
- ⁹ Ellen G. White, carta escrita em 1886.
- ¹⁰ *Pastoral Psychology Journal*, 39, nº 4 (1991), págs. 259-264.
- ¹¹ Judith Karman, *Fuller Focus*, 11 (1993), pág. 23.
- ¹² Stanley J. Grenz e Roy D. Bell, *Betrayal of Trust* (Downer's Grove: InterVarsity Press, 1995), pág. 172.
- ¹³ *Guia Para Ministros*, pág. 56.

PREVENÇÃO

“Se pudesse, gostaria de alarmar meus irmãos. Com eles insistiria pela pena e pela voz: Vivei no Senhor, andai com Deus se no Senhor quiserdes morrer, e entrai pouco a pouco onde o Senhor habita para sempre. Não sejais desobedientes às advertências celestiais; pegai os apelos negligenciados, as súplicas, as advertências, as censuras, as ameaças de Deus, e deixai que elas vos corrijam o coração obstinado e pecaminoso. Deixai que a graça transformadora de Cristo vos torne puros, verdadeiros, santos e formosos como o puro lírio branco que desabrocha no coração do lago. Transferi vosso amor e afeições para Aquele que por vós morreu na cruz do Calvário.”

TRATAMENTO

“Há almas em trevas, cheias de remorso, dor e angústia, que ainda sentem que Deus é justo e bom. O Senhor lhes conserva viva no coração a centelha da esperança. A pobre e obscurecida alma pensa: Se eu tão-somente me pudesse apresentar diante de Deus, e pleitear meu caso, Ele apiedar-se-ia por amor de Cristo, e esse terrível temor e agonia seriam aliviados. ... Algumas vezes as reprovações amontoadas sobre a sua cabeça quase têm destruído a última centelha de esperança. A alma cônica de sinceras e honestas intenções verifica que tem menos a temer de Deus do que dos homens que têm coração de aço. ... Volta-se para Aquele que não tem uma sombra de mal-entendimento, Aquele que conhece todos os impulsos do coração, que está familiarizado com todas as circunstâncias de tentação.”

CURA

“Mas ainda que Jesus veja a culpa do passado, Ele fala de perdão; e nós não O devemos desonrar duvidando de Seu amor. Deve o sentimento de culpa ser depositado ao pé da cruz, ou envenenará ele as fontes da vida. ... “Não deve ser difícil lembrar que o Senhor deseja que deponhais vossas lutas e dificuldades a Seus pés, e que as deixeis ali. Ide a Ele, dizendo: ‘Senhor, meus fardos são pesados demais para eu os levar. Queres Tu levá-los em meu lugar?’ E Ele responderá: ‘Eu os tomarei. Com eterna bondade compadecer-Me-ei de vós. Tomarei os vossos pecados e vos darei a paz. Não mais afugenteis o vosso respeito próprio, pois Eu vos comprei pelo preço do Meu próprio sangue. Sois Meus. Vossa vontade enfraquecida, Eu fortalecerei. Removerei vosso remorso pelo pecado.’”

ATRAVÉS DOS OLHOS DE DEUS

Eu estava deitada na cama, fervendo de frustração e raiva. O dia tinha sido uma loucura mas, de alguma forma, as tarefas haviam sido feitas, as crianças estavam dormindo, e eu tinha planejado uma noite perfeita.

Havia velas na mesa, hinos tocando, a refeição favorita de Bernie estava pronta, eu estava usando um vestido novo, um perfume especial... Nós dois precisávamos de tempo para relaxar, estar juntos e viver momentos especiais.

Mas Bernie não tinha vindo para casa, nem telefonado. A refeição começou a estragar, as velas já estavam chegando ao fim, e eu estava cada vez mais cansada e com raiva.

Finalmente, guardei tudo e subi para o quarto, como "uma bomba". Já estava cansada de ter nossos planos diários interrompidos por emergências da



igreja. Parecia que minhas necessidades eram o último item da agenda. Toda vez que essas necessidades pareciam estar chegando ao topo da lista, outra crise as empurrava para o fundo, novamente.

E agora eu estava ali, deitada, pensando em todas as coisas iradas e ofensivas que diria a Bernie quando ele chegasse. Se ele tivesse apenas um vislumbre do que passava por minha mente... Emoções negativas se agitavam em meu corpo, prontas a explodir no momento em que ele cruzasse a porta.

Na verdade, eu odiava aqueles sentimentos. Sabia que devia haver outra forma de lidar com a situação. Enquanto orava para que Deus tirasse de mim a raiva, Ele me deu uma nova imagem de meu marido, segundo a Sua perspectiva. Vi um homem que também tivera um dia muito difícil. Nossa igreja estava enfrentando conflitos teológicos. Naquele mesmo dia, Bernie estivera aconselhando uma família que experimentara um grande trauma. Deveria estar exausto, desejando chegar em casa, onde pudesse relaxar, sentir-se amado e confortado. A última coisa de que ele precisava era encontrar uma esposa frustrada e com raiva.

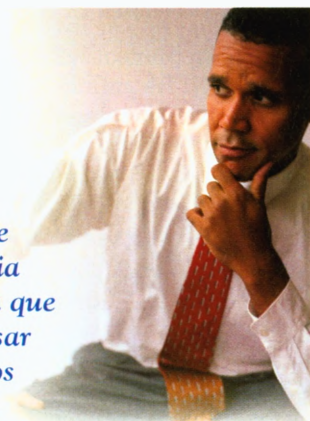
Quando Bernie chegou, havia uma banheira com água morna esperando por ele, à luz de velas e com música suave. O jantar foi salvo. Meu coração foi amolecido. Ver as coisas através dos olhos de Deus havia transformado o quadro. – Karen Holford, *Hemel Hempstead, Inglaterra*

PARA PENSAR...

“Ser bom apenas não basta. Os líderes precisam de paixão, ardor no coração, compromisso e desejo ardente. Essas são características que movem um líder do bom para o excelente, da mediocridade para o sucesso.”
Jere D. Patzer

“Perca o sonho, e você se sentirá extremamente frustrado. Entre em contato com o sonho que Deus tem para você, e lembre-se bem: quase todos os sonhos de Deus parecem impossíveis a princípio, mas se forem os sonhos dEle para você, Ele arranjará um jeito.”
H. B. London Jr.

“Coloque-se completamente sob a influência de Jesus, para que Ele possa pensar os pensamentos de sua mente, fazer o Seu trabalho por suas mãos, porque você será todo-poderoso por meio dAquele que o fortalece.”
Madre Teresa



APRENDA COM NOÉ

- ✓ Não perca a urgência do tempo nem ignore as advertências divinas.
- ✓ Não se esqueça de que estamos todos no mesmo barco.
- ✓ Planeje com antecedência. Quando Noé construiu a arca, ainda não estava chovendo.
- ✓ Mantenha a forma. Noé beirava os seiscentos anos, quando recebeu a grande missão.
Não há idade limite para que você seja chamado a fazer algo realmente grande.
- ✓ Não dê ouvidos às críticas. Apenas faça o que precisa ser feito.
- ✓ Correria nem sempre é vantagem; as lesmas estavam a bordo, juntamente com os leopardos.
- ✓ Quando você estiver estressado, flutue um pouco.
- ✓ Lembre-se de que a arca foi construída por amadores. O Titanic foi construído por profissionais.
- ✓ Os pica-paus dentro da arca eram uma ameaça, tanto quanto a tormenta do lado de fora.
- ✓ Não importa quão violenta seja a tempestade, ao lado de Deus, sempre há um arco-íris.

Adaptado de O Colportor Evangelista



Tullio Perce

Humor



Preaching Dick Hattenfieber - Pinios

O BATISMO DO ESPÍRITO SANTO

Dennis Smith, Casa Publicadora Brasileira, 160 páginas;
Tel.: 0800-990606 – E-mail: sac@cpb.com.br



Conta o autor: “No outono de 1999, o Senhor começou a dirigir minha esposa, Patty, e a mim para que compreendêssemos e experimentássemos o batismo do Espírito Santo. Este livro é o resultado daquela experiência que, embora iniciada vários anos atrás, prossegue em nossa vida até hoje. Por meio da plenitude do Espírito Santo, fomos estimulados a andar mais perto dEle e sentimos reacender em nós a chama do ‘primeiro amor’ por nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Começaram a ocorrer dentro de nós transformações pessoais que somente o Espírito de Deus era capaz de realizar. Comecei a ver em meu ministério um poder que jamais tinha visto.” Essa experiência pode ser sua e de sua igreja, depois de estudar este livro

EDIFICANDO UMA IGREJA DE GRUPOS PEQUENOS

Bill Donahue & Russ Robinson, Editora Vida, 308 páginas;
Telefax (11) 6096-6814 – www.editoravida.com.br



Como pode uma igreja se transformar em um lugar onde ninguém se sintam em solidão? Muitas igrejas estão descobrindo a resposta nos pequenos grupos. Eles oferecem o ambiente ideal que edifica e fortalece o corpo de Cristo. Neste livro, os autores compartilham a história de como a Willow Creek Community Church se tornou uma igreja onde mais de 18 mil pessoas se relacionam em 2.700 pequenos grupos todas as semanas. E também mostram como qualquer igreja pode se tornar um lugar onde todos os seus membros podem experimentar uma vida frutífera, crescendo em número e espiritualidade.

A IMPORTÂNCIA DA PREGAÇÃO EXPOSITIVA PARA O CRESCIMENTO DA IGREJA

Hernandes Dias Lopes, Editora Candeia, 257 páginas,
e-mail: editoracandeia@candeia.com.br



Este livro proporciona diretrizes úteis àqueles que ousam atender a exortação de Paulo no sentido de pregar somente a Palavra. O autor nos chama a considerar a pregação a partir de uma perspectiva adequada, acreditando que ela significa “assim diz o Senhor”. Argumenta que uma pregação fiel é aquela fundamentada no texto das Escrituras Sagradas, e nos exorta a apresentá-la de modo que glorifique a Deus, edifique os crentes e apresse a salvação dos perdidos.

VEJA NA INTERNET
www.cadadia.net



Sempre me encanta a disposição de algumas pessoas que dedicam tempo e energias para, voluntariamente, manterem sites bem organizados e com excelente conteúdo. Esse é o caso do Cada Dia, dividido em seções, listadas em ordem alfabética, na coluna à esquerda da tela. Com o objetivo de promover o bem-estar e valorização da família, o site reúne excelentes textos de psicólogos, professores, pastores e jornalistas, além de poesias, crônicas, receitas culinárias, apresentações prontas em Powerpoint e concurso de perguntas, com prêmios.

Não deixe de ver as seções: **Família** (com suas várias subdivisões), **Jovens**, **Pastoral**, **Relacionamentos** e **Saúde**. As apresentações em Powerpoint estão em Downloads. O concurso está em Diversão. Pequenas mensagens, poesias e crônicas estão em: **Acontece**, **Poesia & Cia.** e **Para Pensar**. Com informações e prestação de serviços existem as seções: **Concursos**, **Cursos**, **Profissões** e **Receitas**. – Márcio Dias Guarda



Jonas Arrais

Secretário ministerial
associado da Divisão
Sul-Americana

AVANÇANDO COM DEUS

Qual tem sido a sua atitude para com a obra do Senhor nestes últimos anos? Sente-se parte integrante dela ou tem trabalhado como um simples empregado? Se a Igreja lhe pertencesse, você trabalharia de forma diferente da que trabalha hoje? Usaria o seu tempo e administraria o dinheiro dela como o faz hoje?

É dever de cada obreiro e servidor ter verdadeiro interesse pelo bem-estar, desenvolvimento e crescimento da Igreja, procurando sempre oferecer o seu melhor. A Bíblia nos apresenta vários exemplos de pessoas que fizeram o que estava ao seu alcance pela obra do Senhor. Esdras e Neemias trazem boas lembranças para nós. Eles tinham zelo, compromisso e amor pelo trabalho que realizavam.

Esdras queria restaurar o templo que estava destruído e abandonado depois de um cativeiro de 70 anos. Neemias queria reconstruir os muros derribados de Jerusalém, símbolo de segurança e proteção para o povo. Os dois tinham uma grande obra a realizar. No entanto, a consciência de que trabalhavam não apenas *para* Deus, mas *com* Deus, contribuiu para o êxito no cumprimento daquela desafiadora tarefa. E isso fez uma enorme diferença.

Aqueles líderes não trabalhavam *para* o povo mas *com* o povo. Esse método de trabalho produziu resultados fantásticos. Nada foi fácil, é verdade, pois tiveram que enfrentar oposição e grandes desafios internos e externos. Contra eles estava a mão de Satanás, procurando deter a obra ou retardá-la (Esdras 4). Não podemos subestimar a idéia de que quando a obra do Senhor não avança, certamente o inimigo está agindo. Ele é perito em impedir, atrasar e dificultar a pregação do evangelho. Às vezes, usa situações, circunstâncias e pessoas a fim de conseguir seus objetivos.

No capítulo 4 do livro de Esdras, vemos que Satanás utilizou uma oferta de ajuda por parte dos inimigos de Deus. Ele sempre procura uma brecha, um passo em falso, um descuido de nossa parte, com o intuito de atrapalhar o avanço da Causa. E Paulo nos adverte, muito oportunamente, em Atos 20:29-31, contra esse perigo.

Tal como no passado, precisamos estar atentos para aqueles que estão na Igreja, porém, não se empenham genuinamente em torná-la melhor. Servidores que não demonstram compromisso, lealdade e dedicação a ela deveriam ser reavaliados. Também devemos estar atentos para os que distorcem a verdade ou se ocupam em difamar a Igreja.

No livro *Obreiros Evangélicos*, pág. 359, Ellen White adverte: “Aqueles que se têm apartado da fé virão a nossas congregações para distrair nossa atenção da obra que Deus deseja que se faça.” E ela complementa a idéia afirmando que “devemos possuir mais do espírito daqueles homens que estavam reedificando os muros de Jerusalém. Estamos fazendo uma grande obra, e não podemos descer. Se Satanás for capaz de manter homens ocupados em responder às objeções dos oponentes, impedindo-os assim, de realizar a mais importante obra para o tempo atual, seu objetivo será atingido” (pág. 376).

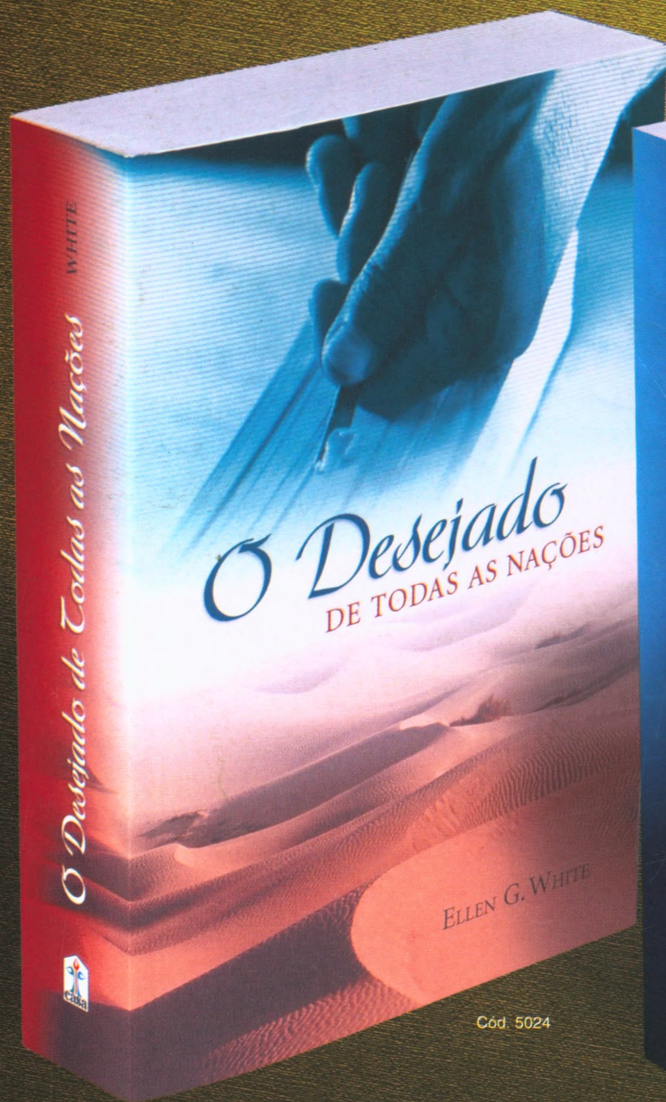
A mesma estratégia que o inimigo usou nos dias de Esdras e Neemias continua usando ainda hoje. Mas aqueles obreiros do Senhor não pararam o trabalho que tinham a realizar naquela época, e nós devemos seguir seu exemplo em nossos dias. O trabalho de Deus pode, algumas vezes, ser atrasado por algumas circunstâncias;

mas o inimigo não o pode deter para sempre. Deus é soberano. Assim como Esdras completou a reconstrução do templo e Neemias concluiu a reconstrução do muro, a obra que o Senhor nos confiou também deve ser concluída. Para que isso ocorra, não pode haver indiferença, neutralidade e espírito de complacência da parte dos que nela trabalham.

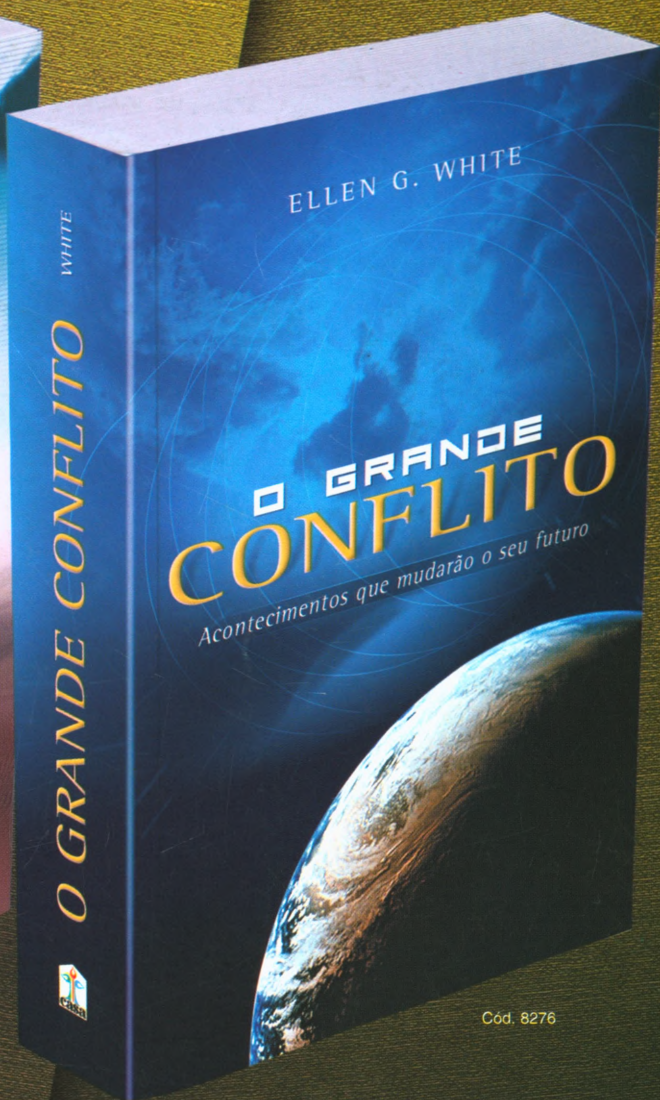
Somos incentivados a fazer o trabalho que nos foi designado com habilidade, comprometimento e consagração. Somente assim é que a tarefa poderá ser cumprida. É a promessa é de que a mesma alegria que houve entre “os filhos de Israel, os sacerdotes, os levitas e o restante dos exilados” (Esdras 6:16) haverá também entre os obreiros fiéis de hoje.

“Devemos possuir mais do espírito daqueles homens que estavam reedificando os muros de Jerusalém”

Conheça melhor a **vida e obra de Jesus** e compreenda o que as profecias dizem sobre o **futuro da humanidade.**



Cód. 5024



Cód. 8276

Em *O Desejado de Todas as Nações*, Ellen White apresenta a vida e a obra de Jesus e descreve o imenso amor de Deus pela humanidade revelado através dEle. Você é motivado a conhecê-Lo intimamente, coração a coração e a encontrar nEle o amor que salva e transforma vidas. Edição completa.

Partindo do início da era cristã, *O Grande Conflito* faz um relato histórico sobre a árdua jornada do povo remanescente de Deus até os nossos dias. Analisa a ascensão e a queda de nações e poderes religiosos. Lança luz sobre as profecias da Bíblia que revelam o futuro da humanidade e, sobretudo, dá preciosas instruções para que fiquemos do lado certo no fim do conflito entre o bem e o mal. Edição completa.

Adquira hoje mesmo!

Para fazer seu pedido, ligue: 0800-990606*, acesse: www.cpb.com.br, ou entre em contato hoje mesmo com o SELS de sua Associação.

*Horários de atendimento: Segunda a quinta, das 8h às 20h30 / Sexta, das 8h às 16h / Domingo, das 8h às 14h.

